

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE

VIVIANNE MACEDO DE JESUS

PARANOÁ: LUGAR, IDENTIDADE E CIDADANIA

Brasília

2016

VIVIANNE MACEDO DE JESUS

PARANOÁ: LUGAR, IDENTIDADE E CIDADANIA

Trabalho Final de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.

Orientador: Professora Dra. Cristina Maria Costa Leite

Brasília
2016

VIVIANNE MACEDO DE JESUS

PARANOÁ: LUGAR, IDENTIDADE E CIDADANIA

Profª Drª. Cristina Maria Costa Leite (Orientadora)

Universidade De Brasília

(Examinador)

Universidade De Brasília

(Examinador)

Universidade De Brasília

Brasília

2016

Dedico esse trabalho aos meus amados pais e ao meu noivo, pelo amor incondicional.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus pelo dom da vida e por me oportunizar viver e presenciar tantas maravilhas. Ele cuidou de cada detalhe e é nítido ver o zelo que tem por mim.

Agradeço aos meus pais, que sempre me proporcionaram o melhor e sempre me amaram incondicionalmente. Obrigada por se alegrarem com a minha chegada ao mundo, por acompanharem meu crescimento e por sacrificarem seus sonhos em favor dos meus. Espero retribuir todo amor dispensado a mim.

Ao meu noivo, que acreditou em mim, quando nem eu mesmo acreditava. Que me deu palavras de conforto e ânimo durante a produção deste trabalho. Incontáveis foram as vezes que dedicou seu tempo a mim, tentando amenizar o meu cansaço e nervosismo, numa união que sempre me incentivou a seguir em frente.

Aos meus amigos, que me ajudaram a superar obstáculos e aplaudiram minhas conquistas.

À minha orientadora, pela disponibilidade e incentivo que foram fundamentais ao longo deste trabalho.

“Minha mãe dizia que pegava água no chafariz. Eu imaginava aqueles chafarizes parienses. Só depois de adulta que descobri que o chafariz era, na verdade, um grande tonel.”

(Vivianne Macedo de Jesus, 2015)

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso tem como base que o estudo do lugar tem grande relação com a formação da cidadania e construção da identidade. Teve como objetivo analisar como ocorre a relação do lugar Paranoá, no processo de escolarização das crianças do 4º ano do Ensino Fundamental, em uma escola desta cidade. Para alcançá-lo, foi criado os seguintes objetivos específicos: identificar se as crianças do Paranoá têm acesso às informações sobre a origem dessa Região Administrativa, identificar e analisar como as informações sobre o Paranoá estão inseridas nos conteúdos trabalhados no 4º ano, verificar e analisar qual é a noção que os alunos tem sobre o Paranoá, estruturar e aplicar atividades que (re)construam a história do Paranoá com os alunos e discutir a importância da Geografia para a construção do valor social no lugar no desenvolvimento da cidadania das crianças. De característica qualitativa, esta pesquisa cumpriu-se por meio da análise de redações e desenhos produzidos pelos alunos a respeito do Paranoá, entrevista com a professora da turma e análise do livro didático adquirido pela escola. Os resultados alcançados demonstraram a falta de sensibilidade com o ensino de Geografia, que é abordado de forma tradicional e sem a preocupação adequada com o estudo do lugar.

Palavras-chave: Lugar. Cidadania. Identidade. Escolarização. Geografia.

ABSTRACT

This term paper has as its base the fact that the study of the place has a huge relation with the construction of the personal citizenship and identity. It had as its goal analyze the relation between the place Paranoá with the schooling process of a group of children from the 4th grade in a school of this same city. The following specific aims were created to reach this goal: identify if the children from Paranoá city has access to local information about the origin of this “Região Administrativa” (Division of administrative regions in Distrito Federal – Brazil); identify and analyze how the information about Paranoá is included on the 4th grade school content; verify and analyze the student’s view about Paranoá; structure and apply activities able to rebuild for the students Paranoá’s history and discuss the importance of the Geography to construct social value in the place of the children’s development. In a qualitative characteristic, this research was accomplished through the analysis of compositions and drawings made by the students about Paranoá, interview with the responsible Teacher and analysis of the didactic book acquired for the school. The reached results show the lack of sensibility about the Geography teaching, which is traditionally covered without the proper concern about the study of the place.

Keywords: Place. Citizenship. Identity. Schooling. Geography.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|---|----|
| Figura 1 - Mapa RA VII Paranoá | 19 |
| Figura 2 – Paranoá e Itapoã..... | 20 |
| Figura 3 - Bloco de sala de aulas | 21 |
| Figura 4 - Quadra de esportes da escola | 22 |
| Figura 5 - Rampa próxima a quadra de esportes | 23 |
| Figura 6 - Conteúdo previsto para o 4º Bimestre | 44 |
| Figura 7 - Desenho Produzido por Aluno 16 | 47 |
| Figura 8 - Desenho de ônibus do Aluno 14 | 48 |
| Figura 9 - Redação do Aluno 9..... | 50 |
| Figura 10 - Residência dos Alunos..... | 51 |

LISTA DE GRÁFICOS

| | |
|--|----|
| Gráfico 1 - Paranoá segundo gênero | 16 |
| Gráfico 2 - Naturalidade dos moradores do Paranoá por região | 17 |
| Gráfico 3 - População segundo o nível de escolaridade | 18 |

LISTA DE TABELAS

| | |
|---|----|
| Tabela 1 - Conteúdo programado para 4 ^o ano em Geografia | 28 |
| Tabela 2 - Livros adotados no 4 ^o ano..... | 29 |
| Tabela 3 - Entrevista e objetivos | 31 |
| Tabela 4 - Produção das crianças..... | 33 |
| Tabela 5 - Antes e depois | 38 |
| Tabela 6 – Descrição do Livro Didático | 40 |
| Tabela 7 - Comentários sobre cada capítulo do Livro Didático | 41 |
| Tabela 8 - Respostas da professora | 43 |

ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|-----------------|---|
| CMDF | Currículo em Movimento do Distrito Federal |
| CODEPLAN | Companhia de Planejamento do Distrito Federal |
| DETRAN | Departamento de Trânsito |
| DF | Distrito Federal |
| PCN | Parâmetros Curriculares Nacionais |
| PDAD | Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios |
| PNEE | Pessoas com Necessidades Educacionais Especiais |
| PNLD | Programa Nacional do Livro Didático |
| RA | Região Administrativa |
| SEE | Secretaria de Estado da Educação |
| ZDP | Zona de Desenvolvimento Proximal |

SUMÁRIO

| | | |
|-------|---|----|
| 1 | APRESENTAÇÃO | 2 |
| 2 | MEMORIAL ACADÊMICO | 1 |
| 3 | INTRODUÇÃO..... | 1 |
| 4 | REFERENCIAL TEÓRICO | 6 |
| 5 | METODOLOGIA..... | 14 |
| 5.1 | MÉTODO..... | 14 |
| 5.1.1 | Contexto de Construção das Informações Empíricas | 14 |
| 5.1.2 | Procedimentos de construção das informações empíricas | 23 |
| 5.1.3 | Procedimentos de análise das informações empíricas | 26 |
| 6 | RESULTADOS | 33 |
| 6.1 | Produção das crianças | 33 |
| 6.2 | Livro Didático..... | 38 |
| 6.3 | Entrevista | 42 |
| 6.4 | Planejamento..... | 43 |
| 7 | DISCUSSÃO..... | 45 |
| 7.1 | Produção das crianças | 45 |
| 7.2 | Entrevista com professora..... | 51 |
| 7.3 | Planejamento..... | 54 |
| 7.4 | Livro Didático..... | 55 |
| 8 | CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 58 |
| 9 | PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS..... | 60 |
| 10 | BIBLIOGRAFIA..... | 61 |
| | ANEXOS | 63 |

1 APRESENTAÇÃO

O presente trabalho atende o requisito para a conclusão do curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, com orientação acadêmica da Profª Drª. Cristina Maria Costa Leite.

Nesse sentido, apresenta-se dividido em três partes: memorial educativo, monografia e perspectivas profissionais.

No memorial acadêmico, apresento um resumo da minha história e trajetória acadêmica até a escolha do tema desta pesquisa.

Monografia, que aponta a gênese do problema de pesquisa, referencial teórico referente às áreas da Pedagogia e Geografia, análise e resultados.

Perspectivas profissionais, no qual exponho minhas expectativas pessoais e profissionais de atuação.

2 MEMORIAL ACADÊMICO

Eu sou Vivianne Macedo de Jesus, filha de Raimundo e Valdeci e irmã de Régila e Regiula. Nasci em 22 de dezembro de 1992, em Brasília, Distrito Federal. Meu pai estudou até a 4ª série e minha mãe até a 8ª do Ensino Fundamental, mas sempre fizeram o possível para que eu tivesse a melhor educação.

Apelarei para o incrível e fantástico elemento de nosso cérebro, no qual guarda registros de experiências vividas: a memória. É através da recuperação destas, que relatarei a história de minha educação.

Iniciei minha vida escolar na Escola Pica-pau Amarelo, localizada na Região Administrativa Paranoá, aos 3 anos. Tenho ótimas recordações da minha educação infantil. Lembro-me do parquinho de areia, das cantigas de rodas, do cheiro da minha lancheira, dia do brinquedo e festas temáticas realizadas na escola. Cultivo amizades até hoje e recordo-me com carinho das professoras: Neta, Maria dos Remédios (Jardim I), Terezinha (Jardim II) e da diretora Laura.

Esta é a época que guardo mais lembranças de toda a minha trajetória escolar. Fui alfabetizada nesta escola e saí de lá em 1999, com 7 anos.

No ano 2000, fui matriculada na Escola Classe 02 do Paranoá na turma da primeira série do Ensino Fundamental. Logo nas primeiras semanas de aula, era notável a diferença no meu desenvolvimento escolar em relação às demais crianças. Eu já sabia ler, escrever, realizar operações simples, entre outras coisas, enquanto meus colegas de turma ainda estavam tendo seu primeiro contato com a letra inicial de seus nomes.

Realizei uma prova elaborada pela professora e fui direto para a segunda série do Ensino Fundamental. Lembro-me com carinho de dois professores que deixaram ótimas lembranças: Diully Nabelle (3ª SÉRIE) e Carlos (professor da turma de uma prima).

Concluí a quarta série em 2002.

Em 2003 e 2004, estudei na escola Darcy Ribeiro. É outra escola que só tenho lembranças positivas. Era notável o esforço da diretora Aldeneide em garantir que tivéssemos uma educação de qualidade. A escola era muito limpa e o lanche muito bem feito. Tinha uma gincana chamada de Festival da Paz, onde éramos

incitados a elaborar paródias, peças teatrais, danças e apesar da competição, havia um grande clima de união entre os educandos, pois as equipes eram formadas por turmas de diferentes séries. Muitos professores marcaram esses dois anos nesta escola, mas destaco uma em especial. A professora Lourdes de História que tinha o dom de ensinar. Aguardava ansiosa por suas aulas. Ela tinha didática e usava de todos os recursos possíveis para que assimilássemos o conteúdo.

Em 2005, ganhei uma bolsa de Estudos no Colégio Dom Bosco de Brasília. Não tenho muitas recordações do final do meu Ensino Fundamental. Guardo apenas, alguns episódios de Bullying que me atormentaram por um tempo, mas que depois, eu soube lidar e não me trouxeram prejuízo nenhum. Desta época, destaco a professora Núbia de História e o professor Ivan de Matemática.

Guardo com admiração, uma professora de português chamada Lucineide, Tony de Física e o André Luiz de História que com sua ótima didática ensinaram-me não apenas a sua disciplina em si, mas iam muito além, contribuindo para o meu amadurecimento. Concluí o Ensino Médio, nesta mesma escola em 2009.

Era hora de tomar decisões. O que escolher para estudar durante os próximos anos?

Lembrei-me de todos estes educadores citados acima e decidi que eu também queria marcar a vida de alguém, assim como eles fizeram na minha.

Prestei o vestibular para o curso de Pedagogia pela Universidade de Brasília e obtive êxito. Entrei no segundo semestre de 2010, com o desejo de no futuro, dar aulas em presídios.

Logo que comecei o curso, veio à necessidade de trabalhar devido a minha situação financeira. Consegui um estágio em uma creche e depois em um colégio. Dediquei-me e o meu trabalho só me confirmava à escolha certa que fiz optando pelo curso de Pedagogia.

No segundo semestre, além do estágio, consegui outro em um centro de desenvolvimento humano. Tive ali, minha primeira experiência com a educação especial e me encantei. Fiz a disciplina Aprendizagem e desenvolvimento de Pessoas com Necessidades Educacionais Especiais (PNEE) com a professora Silvia Ester Orrú, no terceiro semestre, na qual tive a oportunidade de entender que tenho que ter boa vontade em qualquer área da minha vida. Muitas vezes, as pessoas tem o conhecimento, mas a má vontade não permite fazer algo pelo próximo. Percebi também a importância de buscar um aperfeiçoamento constante. Nem sempre terei

a formação necessária para auxiliar no desenvolvimento do indivíduo, mas é preciso que eu esteja disposta a buscar novos recursos e novas práticas. Coloquei tudo o que aprendi em prática e busquei novos conhecimentos ao acompanhar, no estágio, uma garotinha com um conjunto de síndromes e, no trabalho, um garoto com Discalculia. Realmente, vi que a boa vontade aliada à uma formação de qualidade, são ótimos fatores para fazer a diferença na vida das pessoas.

No quarto semestre me matriculei na disciplina de Avaliação das Organizações Educativas. Identifiquei-me com a temática e a didática da professora me encantou. Esta disciplina foi um presente, pois eu estava muito estressada com o excesso de trabalho. Além dos dois estágios, ainda cuidava de crianças nos finais de semana.

Em 2013, no sexto semestre de minha jornada acadêmica, fui efetivada no colégio que fazia estágio, como professora de Educação Infantil, dando aula para crianças do Maternal I, onde permaneço até hoje. Saí do estágio no centro de apoio, pois a minha saúde estava abalada.

Foi então que eu “acordei para a vida”. Compreendi o quanto o excesso de trabalho fez mal para a minha vida pessoal e principalmente, para a vida acadêmica. Vi que ainda dava tempo de correr atrás do prejuízo.

Ao montar minha grade para o sexto semestre, optei por disciplinas que tivessem a ver com as minhas perspectivas profissionais para o futuro. Não que as escolhidas anteriormente, não auxiliaram em minha formação, mas por conta do tempo destinado ao emprego, as disciplinas sempre eram escolhidas por disponibilidade de horário e não por área de interesse. Destaco duas disciplinas neste semestre.

A primeira foi Escolarização de Surdos. A professora Edeilce Buzar levava surdos para a sala e eles nos contavam um pouco de suas histórias. A que mais me encantou foi do Amarildo. Apesar de nem a sua própria mãe acreditar que ele poderia ter um futuro brilhante, Amarildo venceu todos os preconceitos e tornou-se professor universitário. Sua história de vida fez os meus olhos brilharem. Eu já tinha um apreço por educação de PNEE e vi a surdez como uma área de especialização. A partir daí, fiz Projeto 3 e 4 nessa área e fiz uso dos conhecimentos adquiridos em sala de aula com os meus alunos. Deu muito certo, pois o uso de materiais concretos e de recursos visuais devem estar a disposição de qualquer aluno, sendo PNEE ou não.

A segunda disciplina foi Educação em Geografia, com a professora Cristina Leite. Foi muito inspiradora. Fiz uma viagem enriquecedora com a turma e com as professoras Cristina (geógrafa), Rosângela (antropóloga) e Cláudia Dansa (bióloga). Visitamos um assentamento do Movimento dos Sem Terra, uma comunidade quilombola, o Museu de Uruaçu e o Parque da Chapada dos Veadeiros. Aprendi muito com essa viagem e voltei valorizando mais tudo que Deus me proporcionou. Além disso, vi também a importância do estudo do lugar e das relações formadas nestes lugares. Por isso, essa disciplina foi fundamental em minha a cerca do tema da monografia, posteriormente.

Outra disciplina provocante foi Atividades Lúdicas em Início de Escolarização com o professor Antonio Villar. As aulas eram dinâmicas e nós aprendíamos a ensinar de forma prazerosa. Pesquisamos também exemplos de organizações educativas que tem obtido bons resultados. Dessa vez, eu contribuí com experiências minhas em sala de aula.

No penúltimo semestre, fiz a disciplina de Ensino de História e Identidade com a professora Dra. Renísia Cristina. Foi uma matéria incrível para mim. Por meio de um seminário sobre 'preconceito de lugar', refleti a cerca das minhas experiências e cheguei a conclusão de que o pouco que eu sei sobre a história do lugar onde morei 17 anos, não foi visto no ambiente escolar. Como método de avaliação da disciplina, fiz um projeto de pesquisa sobre a história do Paranoá. Entrevistei pessoas que participaram do movimento de fixação, luta por moradia e com a ex-presidente da Associação de Moradores da Vila Paranoá.

Esse projeto, as aulas com a professora Cristina Leite e o meu interesse pelo Paranoá despertaram a minha vontade em escrever essa dissertação.

Relembrar os meus passos por meio deste memorial educativo foi um prazer e ao mesmo tempo um momento de avaliação a cerca da minha trajetória educacional.

Refleti a respeito da administração do meu tempo. Concluí que poderia ter me dedicado mais a vida acadêmica e diminuído a carga de trabalho. De qualquer forma, agradeço a Deus, por me oportunizar experiências que contribuíram para o que sou hoje.

3 INTRODUÇÃO

A escola é o espaço onde o sujeito encontra instrumentos para construir conhecimentos e produzir significados para si, para o outro e para o mundo, a fim de viver melhor no meio que está inserido. Nela é possível desenvolver habilidades que auxiliam no desenvolvimento completo do sujeito, de acordo com fatores sociais, culturais e políticos preestabelecidos.

No início do processo de escolarização, o sujeito ainda não tem condições de compreender e estabelecer relações entre os conceitos e entendimentos acerca de sua realidade, pois ainda está em processo de desenvolvimento, inclusive no que diz respeito à maturação orgânica. Além disso, tem poucas experiências de vida por ter pouca idade (LEITE, 2002).

Difícilmente a criança de 1ª a 4ª séries terá a plena possibilidade de compreender, efetivamente, o processo de organização espacial. Ao se considerar que tal intento é complexo, constata-se que compreender o espaço em sua totalidade, em suas múltiplas dimensões é uma habilidade que deve ser desenvolvida. (LEITE, 2002, p. 274)

Nessa perspectiva, a criança nos anos iniciais tem dificuldade para entender, de forma concreta, como funciona o processo de organização do espaço e as relações sociais ali presentes. Em linhas gerais, o espaço geográfico é resultado da história dos grupos de pessoas em um determinado lugar e da forma como nele interferem (CALLAI, 2000). Construir a noção de espaço é um processo lento, estabelecido socialmente, que demanda desenvolvimento de habilidades, gestados no espaço de vivência do indivíduo.

Nesse contexto, a Geografia escolar assume papel importante na educação básica, pois leva em consideração, na prática pedagógica, o conhecimento que o educando traz por meio de suas experiências, que serão resgatadas e usadas no processo de construção do conhecimento. Assim, as conexões da espacialidade com os conteúdos a serem estudados em sala de aula, tornam o aprendizado mais significativo e ajudam no processo de aquisição das habilidades perceptivas e espaciais, visto que o objetivo da Geografia, no âmbito escolar, é promover a leitura de mundo e compreender que o espaço no qual o sujeito está inserido é decorrente das relações humanas que o produziram (CALLAI, 2005). Tal compreensão é

complexa e demanda concretude para a sua efetiva interpretação do mundo. Nesse sentido, emerge o conceito de lugar, como uma categoria de análise do espaço geográfico. Portanto, entender o lugar permite perceber as coisas que acontecem em determinado espaço, pois, “um lugar é sempre cheio de história e expressa/mostra o resultado das relações que se estabeleceram entre as pessoas, os grupos e também das relações entre eles e a natureza”. (CALLAI, 2005, p. 234). Essa concepção é complementada por Leite, (2011, p.236) ao afirmar que “conhecer o lugar é uma possibilidade de desenvolvimento do sentido de identidade, de pertencimento a algum grupo, a um dado espaço, a um território, a uma cultura”.

Essa perspectiva justifica a importância desta pesquisa, porque apresenta o lugar como um fator determinante para a leitura de mundo, ou seja, para compreensão da organização do espaço geográfico, de fatos históricos e da relação do sujeito com a natureza e a sociedade. Logo, é possível perceber que o estudo do lugar tem estreita relação com a formação da cidadania, pois ao desenvolver a memória, valorizar o sujeito e reforçar a identidade por meio do estudo do lugar de vivência, o indivíduo percebe-se como agente transformador do espaço.

Compreender o lugar em que se vive encaminha-nos a conhecer a história do lugar e, assim, a procurar entender o que ali acontece. Nenhum lugar é neutro, pelo contrário, os lugares são repletos de história e situam-se concretamente em um tempo e em um espaço fisicamente delimitado. (CALLAI, 2005, p. 236)

Desse modo, o lugar enquanto via de mediação pedagógica possibilita “a incorporação da subjetividade, também por meio de emoções e sentimentos, que são representados nos processos de construção de significados” (LEITE e BARBATO, 2011, p. 235). Nessa perspectiva, o lugar permite o reconhecimento do que é peculiar na vida do sujeito e motiva a renovação de experiências vividas e a noção de pertencimento. Constitui-se como acesso a compreensão da realidade de si e do outro, por meio da valorização de vivências do indivíduo e da interação com o meio social em que vive.

Assim, esta investigação tem como objeto de estudo o Paranoá, Região Administrativa VII, localizada no Distrito Federal (DF). Nesse sentido, há uma porção de fragmentos históricos, em jornais e folhetos, que dizem respeito às lutas e memórias dos moradores dessa localidade. Esse acervo significativo existe, porque

o Paranoá é um componente do espaço urbano no qual os indivíduos estabeleceram identidade, vínculo afetivo e sentimento de pertencimento, ou seja, é caracterizado como um lugar (CALLAI, 2000).

A fim de contextualizar o lugar Paranoá, torna-se necessário retroceder aos primórdios da construção de Brasília, em 1957, cujo processo estimulou ocupações provisórias para os trabalhadores nas áreas periféricas com luz e abastecimento de água. A ideia dos construtores era de que os operários, provenientes de várias unidades da federação, construiriam a capital, morando nesses locais. Ao fim da construção, deveriam retornar aos seus estados de origem. Mas isso não aconteceu, pois esses migrantes acabaram se fixando no território do DF, em localidades denominadas cidades satélites. A expectativa dessa população trabalhadora era fixar-se no local – Brasília – na medida em que isso representava oportunidade de melhoria de suas condições de vida (REIS, 2011).

Segundo Reis (2011), desde o início da construção de Brasília ocorreu um processo de segregação espacial. Os funcionários públicos que vieram para a nova capital tinham lugar garantido na cidade planejada e bem urbanizada. Os trabalhadores, ao contrário, viviam em acampamentos e em Cidades Satélites afastados dos canteiros de obras da nova capital (LEITE e GARCIA-FILICE, 2015; PAVIANI 1999; REIS, 2011).

No caso do Paranoá, depois da inauguração de Brasília, em 1960, os operários permaneceram no local para a construção da usina hidrelétrica. Outras famílias chegaram e ocuparam as áreas ao redor do acampamento. Vem dessa situação a origem da cidade, denominada Vila Paranoá naquela ocasião, conforme atestam os pioneiros da localidade. Moradores travaram uma intensa resistência para permanecer no local e lutaram por melhorias em relação aos serviços básicos como água, luz, emprego, alimentação e escola. Após muitas tentativas do governo para desocupação, a população permaneceu na região, como confirma Reis (2011).

Um grupo de jovens da Igreja católica, no desdobramento de sua ação-reflexão-ação religiosa, parte para um engajamento comunitário, sob a denominação de Grupo Pró-Melhoria do Paranoá. Os jovens se fortalecem e assumem a Associação de Moradores Unidos, pressionam o Estado. Conseguem várias melhorias e, por fim, conquistam o decreto governamental de fixação definitiva no Paranoá, algo até então, historicamente, inédito em Brasília. (REIS, 2011, p. 7)

Anos depois de sua criação, a Vila Paranoá teve um crescimento populacional expressivo, foi reassentada em 1988, assumiu centralidade em relação a outras localidades, como por exemplo, o Itapoã. Atualmente o Paranoá dispõe de um sítio urbano bem consolidado, com uma quarta geração nascida e criada nessa cidade. Considerando-se que a história do Paranoá representa um caso de resistência ao processo de segregação, mediante construção de memórias, desenvolvimento da cidadania, responsabilidade para com o lugar, confirmação de identidades não hegemônicas (brasilienses), torna-se necessário contar essa história: resgatar a memória, vivificá-la, aprender com ela.

Tal ideia imputa um papel extra à escolarização e à escola, em geral, e ao ensino de Geografia e História, em particular: de trabalhar no conhecimento de suas cidades, de sua história, de sua memória, de sua geografia, no sentido de construir a noção de pertencimento em relação ao lugar e, por conseguinte, do sentido de cidadania.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) e o Currículo em Movimento do Distrito Federal (CMDf) oficializam essa intenção:

Pensar sobre essas noções de espaço pressupõe considerar a compreensão subjetiva da paisagem como lugar: a paisagem ganhando significados para aqueles que a vivem e a constroem. As percepções que os indivíduos, grupos ou sociedades têm do lugar nos quais se encontram e as relações singulares que com ele estabelecem fazem parte do processo de construção das representações de imagens do mundo e do espaço geográfico. As percepções, as vivências e a memória dos indivíduos e dos grupos sociais são, portanto, elementos importantes na constituição do saber geográfico. (BRASIL, 1997, p. 77)

Do mesmo modo, o CMDf:

O componente curricular de Geografia é baseado em conhecimentos que promovam a compreensão de diversas categorias geográficas, como: espaço, lugar, paisagem, região e território, pois estudar Geografia é basicamente ler o mundo e construir cidadania. Nesse sentido, o ensino da Geografia tem por objetivo levar o estudante a compreender diversas interações do ser humano com a natureza, de forma interdisciplinar e adquirir conhecimento para atuar conscientemente no espaço vivido. (SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO DO DISTRITO FEDERAL, 2015, p. 125)

Diante do exposto, apresenta-se a problemática desta pesquisa: a valorização do lugar está presente na formação das crianças da série iniciais? Como a escola

está trabalhando o lugar? As crianças tem acesso a informações sobre a origem do lugar em livros didáticos?

Essas questões conduzem ao objetivo geral deste trabalho: analisar como ocorre a relação do lugar Paranoá, no processo de escolarização das crianças do 4º ano do Ensino Fundamental, em uma escola desta cidade.

Como objetivos específicos pode-se elencar:

- a. Identificar se as crianças do Paranoá têm acesso às informações sobre a origem dessa Região Administrativa;
- b. Identificar e analisar como as informações sobre o Paranoá estão inseridas nos conteúdos trabalhados no 4º ano;
- c. Verificar e analisar qual é a noção que os alunos tem sobre o Paranoá;
- d. Estruturar e aplicar atividades que (re)construam a história do Paranoá com os alunos;
- e. Discutir a importância da Geografia para a construção do valor social no lugar no desenvolvimento da cidadania das crianças.

Parte-se da suposição de que o estudo do lugar (a compreensão da organização sócio espacial e a valorização da memória do Paranoá) assume importante papel no processo de escolarização em Geografia, por expressar elementos de mediação pedagógica, vividos e conhecidos pelas crianças, resultando em significação dos conteúdos dados.

4 REFERENCIAL TEÓRICO

A contemporaneidade é marcada, de maneira geral, pela predominância do modo de produção capitalista, pelo processo de globalização de economia, na qual os países relacionam-se diretamente e de forma seletiva com qualquer região, pela injustiça social, pela velocidade de transmissão de dados e informações, pelo avanço tecnológico, pela expansão das áreas urbanizadas, por estilos de vida padronizados e ao mesmo tempo, pelo multiculturalismo (CAVALCANTI, 2012). Esse contexto relaciona-se com o que Leite conclui a respeito da complexidade do mundo atual:

Constata-se, em muitas situações, uma sensação de perplexidade, descrença, impotência e até mesmo indignação sobre as ocorrências cotidianas (incluídas aí até aquelas mais banais). De uma maneira simplista pode-se afirmar que essas “sensações” são sintomáticas em relação à complexidade do mundo atual. Elas também evidenciam a falta de um entendimento claro, completo, conciso sobre o “porquê” das coisas. (LEITE, 2002, p. 3)

A sociedade atual busca por esclarecimentos das mais variadas questões que são, em muitas ocasiões, resultado dos fatos ocorridos cotidianamente. Essa realidade implica em um novo modelo de ciência, que investiga a complexidade do mundo atual e acolhe questões correspondentes aos diversos campos científicos, considerando a complicada interligação dos elementos humanos, físicos, químicos e biológicos (CAVALCANTI, 2012).

Nesse contexto, um desses campos científicos é a Geografia, que tem por finalidade o estudo da organização do espaço, resultado de relações sociedade/natureza. Tal enfoque é confirmado por Leite (2002, p.4): “a ciência geográfica é aquela que tem por objeto de estudo a sociedade sob o prisma de sua organização espacial”.

A partir da investigação dessa área é possível compreender, de fato, a realidade do indivíduo e da sociedade a qual ele faz parte. Nessas circunstâncias, a possibilidade de compreensão de sociedade pela perspectiva espacial pode ser efetuada tanto em termos escolares, quanto acadêmicos.

Dessa forma, pode-se afirmar que, atualmente, a Geografia Acadêmica, que é o conhecimento geográfico produzido no âmbito universitário por meio do ensino, pesquisa e extensão, gera produção científica orientada ao ensino de Geografia,

com o objetivo de indicar não somente propostas de práticas educativas, como também produzir melhores resultados na aprendizagem e na formação social do indivíduo. O ensino de Geografia nas universidades dá base técnica e metodológica ao indivíduo em formação acadêmica, para que ele possa melhorar a efetivação da prática pedagógica, mediar a construção do conhecimento e auxiliar no processo de ensino-aprendizagem. Apesar disso, a produção e teorização científica ainda é escassa ao se tratar de Ensino Fundamental I (1º ao 5º ano), período que as comparações e relações estão em processo de construção por meio do letramento. A Geografia é um componente curricular tão importante quanto os outros campos de conhecimento, que, geralmente, são mais valorizados, por auxiliar na formação de identidade e cidadania do indivíduo e na percepção do lugar no qual permanece.

A Geografia Escolar, segundo Cavalcanti (p.28, 2012) é o “conhecimento geográfico efetivamente ensinado, efetivamente veiculado, trabalhado em sala de aula”, ou seja, é o conhecimento gerado a partir da prática pedagógica do professor em sala de aula, do respeito e diálogo com o aluno, sendo formada na perspectiva da subjetividade da comunidade da qual a escola está inserida.

De acordo com Callai (p.228, 2005), a Geografia escolar, tem o objetivo de conduzir o aluno à leitura do “mundo da vida, ler o espaço e compreender que as paisagens, que podemos ver, são resultado da vida em sociedade, dos homens na busca da sua sobrevivência e da satisfação das suas necessidades”. Nesse enredo, a Geografia escolar é um componente curricular que colabora para o desenvolvimento da leitura de mundo. Essa leitura, por sua vez, é importante, pois contribui para a formação da mentalidade do sujeito e para a percepção do que acontece na sociedade.

Durante os anos iniciais da escolarização infantil, atividades fundamentadas no tempo, espaço e em fatos concretos da vida do aluno propiciam que o indivíduo aprenda sobre quem é, onde vive, como vive e com quem vive, ideias que são necessárias e básicas para sua existência. Nesse sentido, a presença da Geografia no ensino básico, auxilia o educando a fazer a leitura do mundo e do espaço em que vive. Isso resulta na assimilação de que esse é constituído socialmente pelo modo de vida e pelo trabalho dos indivíduos na sociedade. Isto significa que, ao contrário do que é realizado tradicionalmente, o ensino de Geografia é mais do que memorizar dados e informações de um determinado lugar. Os conteúdos devem

favorecer o entendimento da realidade espacial do sujeito e desenvolver competências cognitivas que contribuam para este processo.

Pra realizar a prática do ensino de Geografia, o educador necessita atualizar-se frente à realidade vivida pelos alunos e pela comunidade que cerca a escola. O ensino deve ser concretizado a partir de uma abordagem pedagógica que desenvolva a habilidade de perceber o espaço vivido. Assim, o aluno pode construir seus próprios parâmetros de comparação, enxergar a si mesmo como parte do processo de organização do espaço social, e dessa forma, possibilitar a iniciação da relação de pertencimento com o lugar (LEITE, 2002).

Este ponto de vista está apoiado no socioconstrutivismo, que de acordo com Rabelo e Cavalcanti (2009) é um método que propõem que o aluno não seja considerado apenas um receptor e acumulador de conhecimento, mas que seja visto como um ser subjetivo e agente construtor do saber.

Segundo Shulman (apud Cavalcanti, 2012), a prática pedagógica deve orientada na associação do conteúdo a ser ensinado com consciência didática de como lecionar. Chevallard (apud Cavalcanti 2012) considera a transposição didática como a ponte do conhecimento acadêmico para o que é de fato ensinado e é consequência de um meio educativo envolvente, que admita dúvida e interação, sem receio algum.

Na medida em que os docentes conhecem e se propõe a trabalhar considerando as metodologias participativas, conseguirão maior envolvimento dos estudantes na realização de tarefas de forma conjunta e cooperativa, com maior domínio sobre os problemas e independência. A função do professor no ensino é mediar conteúdos, sem ignorar a carga de conhecimento que o aluno traz consigo, a fim de estabelecer meios para compreender a realidade e construir conhecimento, sem impor o uso de memorização de conteúdos.

A aprendizagem é a construção que cada sujeito consegue realizar com a ajuda do professor, que tem o papel de mediador. A construção do conhecimento, por sua vez, é o resultado da dinâmica mental decorrente da interação entre sujeito e objeto, possibilitando a criação de representações e relações entendidas dentro de uma lógica explicativa para o indivíduo sujeito da aprendizagem. (CASTELLAR e MORAES, 2012, p. 122)

Ausubel (1973) descreve a Aprendizagem Significativa como um processo no qual o novo saber conquistado associa-se com o conhecimento prévio que o aluno

possui. Para ele, as condições necessárias para uma aprendizagem significativa são o conhecimento prévio, o interesse do aluno e um material didático significativo. Apenas assim a compreensão de conceitos e conteúdos será efetuada dando origem à aquisição de significado.

Na visão de Vygotsky (apud Cavalcanti,2012) , uma das estratégias para essa construção é a exploração da Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP). Ao caracterizá-la, Vygotsky indica que há duas categorias de desenvolvimento infantil. O nível denominado real, que é tudo aquilo que a criança faz sozinha, isto é, compreende os conhecimentos e habilidades que a criança já obteve e que estão plenamente desenvolvidos. O outro nível, chamado de proximal, é a distância entre o que ela já sabe e o que ela pode atingir com a assistência de um colega ou professor, por exemplo. Dessa forma, o docente torna-se um mediador que tem sua prática pedagógica baseada em métodos que estimulam as capacidades ainda em amadurecimento e a construção de conhecimentos de forma coletiva, levando em consideração o contexto e a subjetividade do aluno. O aluno, por sua vez, transforma os estímulos externos em atividades internas e intrapessoais, ou seja, internaliza (CAVALCANTI, 2005).

O desenvolvimento de funções mentais superiores não decorre de uma evolução intrínseca e linear das funções mais elementares; ao contrário, aquelas são funções constituídas em situações específicas, na vida social, valendo-se de processos de internalização, mediante uso de instrumentos de mediação. (CAVALCANTI, 2005)

Nesse sentido, as propostas de Vygotsky (apud Cavalcanti 2012), relacionam-se a Geografia, quando compreendemos que as relações culturais que o indivíduo estabelece estão diretamente ligadas a formação de conceitos, pois a interação é um fator decisivo para o desenvolvimento do processo de aprendizagem. Além disso, os conteúdos devem ser concretos e oferecer um significado para o aluno, para que o mesmo perceba a razão para desenvolver tal atividade, tornando a construção do conhecimento mais efetiva, com a finalidade de que o indivíduo tenha capacidade de resolver diversas situações-problemas, deixando de ser somente uma mera “repetição” de conceitos isolados.

Diante do exposto, acredita-se que a produção teórica da didática geográfica tem contribuído para a prática de ensino e, por conseguinte, pela melhoria do próprio processo de educação em Geografia (CAVALCANTI, 2010).

Assim a escola, de acordo com Bruner (2001), proporciona ferramentas para a obtenção e construção de conhecimentos e habilidades ao indivíduo, afim de que ele elabore significado sobre si, o outro e a sociedade a qual pertence. A escola transfere os interesses da cultura patrocinadora, estabelecendo o risco de revelar apenas uma determinada visão de mundo. Porém, essa ameaça é fundamental para que ocorra a quebra de paradigmas e a construção de novas ideias. A escola consiste em um espaço onde a aprendizagem ocorre por meio das relações interpessoais efetivas dos sujeitos envolvidos no processo de ensino aprendizagem, de acordo com o contexto histórico, cultural e social estabelecido no meio.

Tal afirmação reforça a importância do ensino de Geografia como um componente curricular, pois oferece ao aluno a possibilidade de reflexão acerca de sua relação com o todo em que se insere, como aponta Paulo Freire:

Por que não aproveitar a experiência que têm os alunos de viver em áreas da cidade descuidadas do poder público para discutir, por exemplo, a poluição dos riachos e dos córregos e os baixos níveis de bem-estar das populações, os lixões e os riscos que oferecem à saúde das gentes. (FREIRE, 2011, p. 33)

Cavalcanti (2012) recomenda o uso de uma metodologia socioconstrutivista no ensino de Geografia, que tenha como base o estudo das seguintes categorias, fundamentais para a análise do espaço: lugar, paisagem, território e cidade.

De acordo com Callai (2005) e Tuan (1975) apud Leite e Barbato (2011), compreender o lugar é entender a história das pessoas que o compõem, a maneira como trabalham, como organizam-se e como aproveitam o tempo destinado ao lazer, ou seja, é perceber as ligações emocionais que conectam o lugar às pessoas num determinado quadro histórico-cultural. Dessa forma, o lugar vai além do conceito físico, necessita ser notado como um espaço onde as relações sociais se materializam. O lugar atribui ao indivíduo, a noção de pertencimento e a construção de sua identidade, proveniente do contato do indivíduo com o lugar, pois ao se identificar com ele, é formado um laço afetivo e é estabelecido um sentimento de pertencimento ao lugar.

Julga-se o lugar importante porque por meio dele cria-se uma consciência da realidade e o discernimento a respeito da posição como sujeito social, o que serve de pilar para a construção da identidade e da cidadania. Visto que é em nível local que as relações geradas em escala global se materializam (LEITE, 2012), o local auxilia na compreensão de mundo, pois é por meio da concretude presente no local, que o mundo assume forma mais fácil de ser interpretada. Entender o global pelo local significa internalizar o local para generalizar informações de demais espaços em variadas escalas e peculiaridades, ou seja, o entendimento do que acontece no lugar que o indivíduo vive e obtém experiências, faz com que o sujeito adquira referências, que servirão de base para a interpretação do seu cotidiano e de outras realidades. A captação do que acontece no local vivido e experimentado estabelece um parâmetro para o indivíduo, e por meio desses, outros locais e suas particularidades serão compreendidos. O lugar permite a análise de elementos que definem a posição social, econômica e política de um determinado local. Esses aspectos por fazerem parte do dia a dia da criança, ganham concretude, sentido e significação, tornando-se passíveis de interpretação, compreensão, assimilação, raciocínio, comparação e conclusão. A criança reconhece e explora o que há no lugar, entende o que ali acontece e avalia como as coisas acontecem.

O estudo do lugar de vivência do aluno deve ser considerado como um fator de enriquecimento da prática pedagógica, pois relacionar o cotidiano do aluno com os conteúdos presentes no currículo permite que o indivíduo (re)conheça sua história e compreenda os fatos que ali ocorrem. Segundo Cavalcanti (2010, p.6) “a referência ao lugar deve ser uma constante busca de sentido aos conteúdos escolares”.

Nessa perspectiva, é preciso trabalhar os conteúdos geográficos e compreendê-los a partir do lugar, considerando seu conhecimento prévio acerca do local onde vive, para que o sujeito seja capaz de comparar e construir uma nova referência espacial.

No DF, é previsto para o 4º ano do Ensino fundamental o estudo de conteúdos relacionados às características peculiares do Distrito Federal. Apesar de o indivíduo viver no DF, seu concreto vivido é a Região Administrativa ou cidade do Entorno onde ele está. Nesse sentido, o aluno deveria estudar o DF a partir da RA ou cidade onde mora, para depois estudar outras coisas.

A paisagem é a impressão do espaço que temos por meio da visão em certo momento, ou seja, é o aspecto visível do espaço. Callai (2000, p.110) destaca que “a paisagem é a imagem, a representação do espaço em um determinado momento”. Nela há elementos subjetivos e históricos que atribuem sentido e significado aos aspectos que são observados no lugar. Construir esse conceito é de suma importância no processo de ensino e aprendizagem de Geografia, por contribuir para a compreensão de que o espaço tem uma configuração visível – paisagem – e possui um conteúdo que é resultado das modificações sociais durante um determinado tempo.

O conceito de território é compreendido como a apropriação, demarcação e limitação de um determinado espaço, ocasionado por meio de vínculos sociais e relações de poder. O sujeito, em seu dia a dia, intervém em sua formação e frequenta muitos territórios diferentes para realizar suas atividades.

A cidade tem grande relevância, pois é nela que os demais conceitos geográficos são trabalhados de forma concreta. Segundo Cavalcanti (2008, p.66) a cidade é um espaço geográfico, é um conjunto de objetos e de ações. É na cidade que relações sociais se materializam, formando pessoas e moldando seus estilo de vida. Dessa maneira, o espaço é composto de forma homogênea por estrutura geográfica e pelas interações sociais que ocorrem nele. De acordo com Marx e Engels (apud Carlos, 2008), os homens além de ocupar o espaço, também são responsáveis por sua produção e para isso fazem uso da natureza, determinando quem são e como vivem. A produção do espaço urbano é resultado de experiências vividas, mas também influencia em sua realidade atual. Por isso, sugere-se a cidade como meio de estudo para a compreensão do espaço urbano.

Nesse sentido, as pessoas que participaram do processo de formação do Paranoá estabeleceram uma relação de pertencimento com o lugar, de identidade para com ele. Os moradores da então Vila Paranoá ocuparam esse território e estabeleceram vínculos entre si e lutaram juntos por um mesmo objetivo. De acordo com Villaça, (1998, apud Cavalcanti, 2012, p.110), a segregação é um processo por meio do qual classes e grupos sociais vão se concentrando em determinadas regiões ou bairros da metrópole. Essa segregação influenciou o surgimento de conflitos sociais e políticos. Em consequência, a mobilização por melhores condições de vida, resultou na construção de seu sentido de cidadania.

Viram-se sujeitos ativos na sociedade e conquistaram o direito à moradia. Esse êxito modificou suas realidades e influenciou a vida das gerações seguintes, que ao terem contato com sua história, compreendem as relações de causa e efeito de aspectos que estão postos em sua realidade e sentem-se pertencentes ao lugar, contribuindo de forma efetiva para a formação da cidadania daquele sujeito. Assim, pode-se verificar que existe uma estreita relação entre o sentido de pertencimento ao lugar, sua identidade e memória, com o processo de construção da cidadania.

Tais considerações demonstram que há uma forte conexão entre a Educação em Geografia e o processo de formação da cidadania. Nesse contexto, a luta por uma sociedade sem desigualdade social, requer uma formação compatível com essa demanda. Nesse sentido, a Geografia como campo de conhecimento escolar, apresenta a possibilidade concreta de trabalhar com temáticas, que podem formar condutas adequadas à proposta e contribuir com o desenvolvimento da noção de cidadania.

5 METODOLOGIA

A presente pesquisa é de cunho qualitativo, pois propõe analisar a relação da realidade com o objeto de estudo levando em consideração sua subjetividade e particularidades, alcançando diferentes compreensões (RAMOS, P., RAMOS, M. M. e BUSNELLO, 2004).

Nesse contexto e de acordo com Gil (2008), essa metodologia consiste em uma investigação exploratória e descritiva. Exploratória, porque envolve análise documental de materiais desenvolvidos pelos participantes e do livro didático. Descritiva, uma vez que usou-se de entrevista semiestruturada com professora regente, em uma escola da Rede Pública de Ensino do Paranoá.

As informações empíricas tendem a ser analisadas partindo da teoria. Dessa maneira, importa-se com o desenvolvimento e não somente, com o produto final. Essa opção é coerente com a necessidade de se perceber os significados que os educadores conferem à Região Administrativa pesquisada, no âmbito da Geografia Escolar, levando em consideração suas concepções, seus procedimentos e o que valoriza.

5.1 MÉTODO

5.1.1 Contexto de Construção das Informações Empíricas

A escolha da RA Paranoá deu-se em virtude de uma motivação pessoal da pesquisadora. Nesse sentido, movida pela curiosidade em relação à cidade, preliminarmente buscou-se informações que contassem a história desse local. Além disso, o Paranoá é um lugar significativo pelo fato de ser conhecido na perspectiva da vivência: lugar de moradia por 17 anos, de estabelecimento de amizades, e relação social com a comunidade. Em consequência, a cidade desencadeia memórias afetivas relativas à infância e adolescência, tornando-o especial à pesquisadora.

Nesse contexto, de levantamento de informações sobre o lugar, houve a oportunidade de conhecimento de uma pessoa importante na trajetória da cidade: uma moradora antiga, que foi presidente da Associação de Moradores da Vila Paranoá e administradora da cidade em questão de 1995 a 1998. Assim, em uma

tarde de conversa, foram mostrados documentos históricos, que comprovavam a resistência da população diante de algumas situações e a dificuldade relativa a sua fixação nesse no local.

Entre as reportagens dos jornais da época, mostradas pela moradora acima citada, uma foto encontrada chamou atenção: um grande tonel e muitas pessoas tentando encher latas com água. Esse tonel era o chafariz do Paranoá. Tal descoberta foi chocante à pesquisadora, pois sua memória se reportava à busca de água em chafarizes, idílicos, com esculturas, e não em tonéis. Essa constatação atestou que as memórias de uma infância vivida na cidade eram romantizadas, de um lado, e que a pesquisadora não conhecia a cidade.

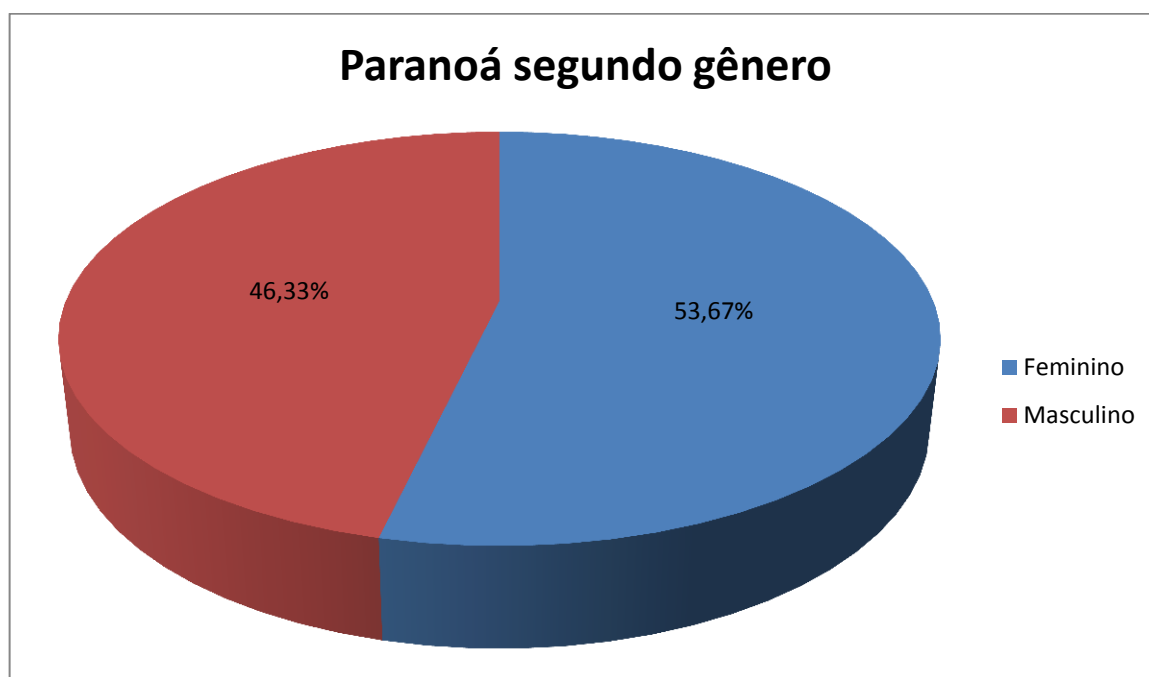
As conversas com aquela pioneira continuaram e foi possível descobrir, a partir daí, que o Paranoá era muito mais do que a VII Região Administrativa do Distrito Federal, como referenciam os livros didáticos do 3º e 4º ano do Ensino Fundamental; que era uma cidade construída no contexto de resistência de uma população segregada. Desse modo, delineava-se a motivação para conhecer a história dessa cidade, estudar esse lugar.

5.1.1.1 O lugar

Atualmente o Paranoá, RA VII, está localizado próximo as Regiões Administrativas Lago Sul, Lago Norte, Sobradinho, Planaltina e São Sebastião. Possui privilegiada localização pela proximidade ao Lago Paranoá. A área urbana é composta pelas avenidas Paranoá (principal), Alta Tensão e Transversal.

Segundo a Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios (PDAD) do Paranoá de 2015, realizada pela Companhia de Planejamento do Distrito Federal (Codeplan) a RA possui cerca de 48.020 habitantes. A distribuição da população segundo o gênero é de 53,67% do sexo feminino e 46,33% do sexo masculino.

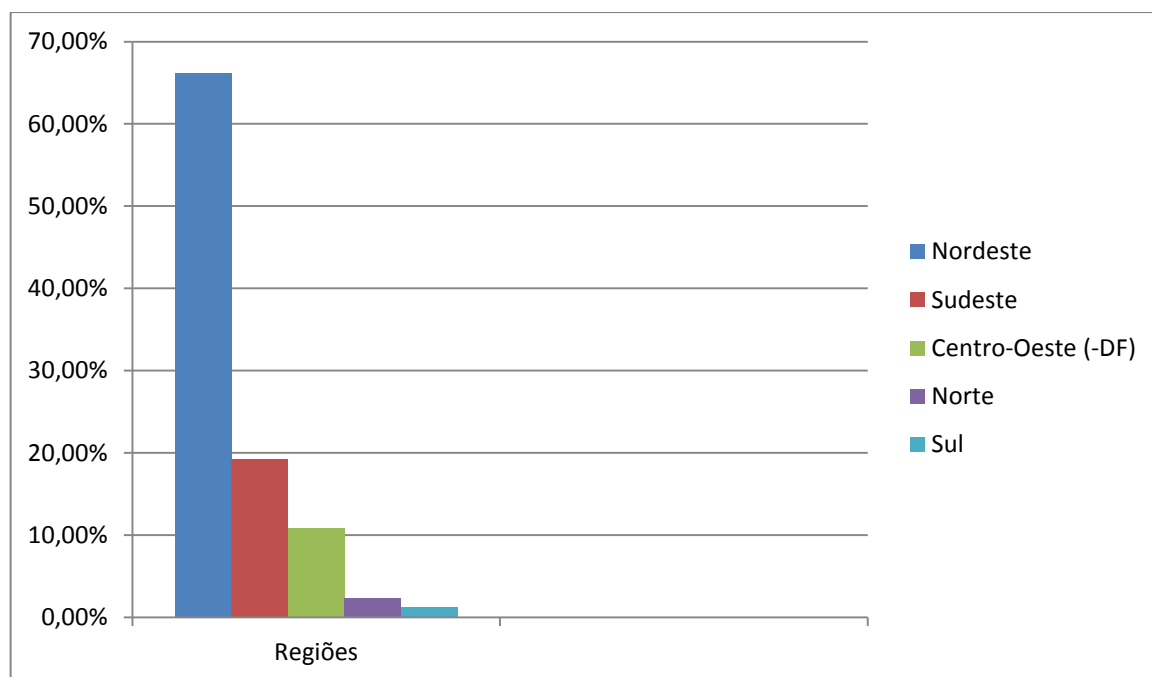
Gráfico 1 - Paranoá segundo gênero



(CODEPLAN, 2013 - 2015)

Conforme a pesquisa, 52,23% nasceu no DF e 47,77% são oriundos de outras unidades da Federação. Desse total, 66,12% nasceu no Nordeste, 19,26% no Sudeste, 10,83% no Centro-Oeste (excluindo o Distrito Federal), 2,40% no Norte e 1,26% do Sul do Brasil.

Gráfico 2 - Naturalidade dos moradores do Paranoá por região



(CODEPLAN, 2013 - 2015)

Com renda domiciliar em média 9 vezes menor que o valor apontado no PDAD referente à Brasília em 2014 (R\$: 12.748,21), possui uma das menores rendas entre as Regiões Administrativas do Distrito Federal. Ainda assim, todas as ruas são asfaltadas, possui uma boa iluminação pública, calçadas e saneamento básico adequado.

Quanto ao grau de instrução, maioria da população possui ensino fundamental incompleto (43,94%). Apenas 4,87% dos moradores possuem nível superior e ainda há 4,03% de analfabetos.

Gráfico 3 - População segundo o nível de escolaridade



(CODEPLAN, 2013 - 2015)

O Paranoá, além da sua área urbana, também é composto pela 2ª maior área rural do DF, integrada pelas colônias agrícolas Capão Seco, São Bernardo, Buriti Vermelho, Cariru, Lamarão e pelos núcleos rurais Jardim e Três Conquistas, pelas áreas isoladas Quebrada dos Guimarães, Santo Antônio, Quebrada dos Neves e por comunidades Boqueirão, Café com Troco, Altiplano Leste, Sobradinho dos Melos e Rajadinha. A produção agrícola é varia com a cultura de arroz, feijão, soja, milho, trigo, café, hortaliças e frutas.

Figura 1 - Mapa RA VII Paranoá



(CODEPLAN, 2013 - 2015)

O sítio urbano dessa RA é composto por um hospital regional, um restaurante comunitário, um posto de saúde, uma biblioteca pública, um Batalhão da Polícia Militar, uma Delegacia da Polícia Civil, uma rodoviária, um Departamento de Trânsito (DETRAN), uma feira permanente, igrejas, praça central e um skate park, um parque vivencial, dois postos de gasolina, comércio diversificado e área residencial.

Estes, além de atender a população do Paranoá, acolhem os moradores do Itapoã (RA mais próxima), que dependem da estrutura e da maioria dos serviços da cidade. O Itapoã localiza-se entre o Paranoá e Sobradinho e foi regularizada como Região Administrativa XXVIII em janeiro de 2005. Sua população é de aproximadamente 68.587 habitantes (CODEPLAN, 2013 - 2015).

Figura 2 – Paranoá e Itapoã



(GOOGLE EARTH, 2016)

O Itapoã não possui Hospital, agências bancárias, delegacia, terminal rodoviário e posto de gasolina. Caso o morador necessite de algum desses serviços, necessita deslocar-se ao Paranoá ou outra Região Administrativa, o que gera uma sobrecarga e diminuição da qualidade destes serviços.

Estes, além de atender a população do Paranoá, assistem os moradores do Itapoã (RA mais próxima), que não possuem tal infraestrutura. A Regional de Ensino do Paranoá responsabiliza-se por 29 escolas públicas e 2 conveniadas (urbanas e rurais), além de mais 3 escolas do Itapoã, que também não são suficientes para a demanda necessária.

A existência desse conjunto urbano consolidado qualifica o Paranoá como um lugar a ser estudado, especialmente no 4º ano do Ensino Fundamental, momento em que um dos conteúdos de Geografia é o estudo do município. Em razão da peculiaridade político-administrativa do Distrito Federal, a SEE (Secretaria de Estado da Educação) solicita o estudo do DF, mas esse é reduzido, em boa parte das vezes a Brasília. Assim, para melhor compreensão do DF, o início das ações pedagógicas deve ser relacionado de forma direta ou indireta com o lugar que a criança vive e ao seu dia a dia (LEITE, 2012). Ou seja, o lugar que a criança vive deve ser estudado como ponto de partida para a compreensão do Distrito Federal e demais conteúdos.

5.1.1.2 A escola

A proposta dessa investigação foi realizada a uma Escola da rede pública de ensino do DF, que atende crianças do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental. Possui 1168 alunos e 48 professores. Desses 32 são efetivos e 16 são temporários. A escola apresenta seis blocos, sendo quatro com salas de aula, um com a parte administrativa e o último contendo a cantina, banheiros e o Serviço de Orientação Escolar.

Figura 3 - Bloco de sala de aulas



(Foto por Vivianne Macedo, 2016)

De maneira geral, a escola apresenta uma boa estrutura física, pois possui amplo pátio, cantina, quadra coberta, quatro banheiros, bebedores, sala de recursos, jardim e salas de aula com boa iluminação. Também apresenta sala de informática, porém, não há monitores e nem técnicos para solucionar eventuais problemas com as máquinas. A escola não possui biblioteca e nem sala de vídeo.

Figura 4 - Quadra de esportes da escola



(Foto por Vivianne Macedo, 2016)

Em relação à acessibilidade, a escola tem um amplo banheiro para pessoas com deficiência com barras de ferro na parede e vaso adaptável, e rampas de acesso à entrada e à área de recreação e esportes. Uma destas rampas possui rachaduras. Há também um serviço de Apoio à aprendizagem e um profissional da Psicologia em período integral.

Figura 5 - Rampa próxima a quadra de esportes



(Foto por Vivianne Macedo, 2016)

5.1.1.3 Participantes

Para a realização desta pesquisa, foi escolhida uma sala de 4^o ano do Ensino Fundamental. Participaram da pesquisa, 22 alunos com faixa etária entre 9 e 12 anos.

A professora entrevistada tem vínculo empregatício permanente, pois é docente concursada da Secretaria de Educação do Distrito Federal. Possui formação em Pedagogia e um conhecimento limitado sobre Geografia e a cerca de sua importância como sujeito social na comunidade escolar.

Por ser servidora, participa de vários cursos de formação continuada. A professora leciona há 8 anos e integra o corpo docente da escola há 1 (um) ano.

5.1.2 Procedimentos de construção das informações empíricas

O desenvolvimento dessa pesquisa exigiu os seguintes procedimentos para a construção das informações empíricas: textos elaborados pelas crianças, análise do planejamento da professora e do livro didático usado e entrevista semiestruturada com uma docente do 4^o ano do Ensino Fundamental Tais procedimentos encontram-se especificados a seguir.

5.1.2.1 Textos elaborados pelas crianças

A produção dos textos realizada pelos alunos da turma de 4º do Ensino Fundamental foi resultado prático de um processo de intervenção pedagógica em sala de aula.

A intervenção pedagógica foi feita considerando a participação e o conhecimento prévio dos alunos, de modo que os estudantes pudessem ser sujeitos ativos no processo de aprendizagem e construção do conhecimento. Nesse sentido, pautaram-se pelos seguintes objetivos:

- Valorizar os estudantes como protagonistas da realidade social e da história e geografia local, e como sujeitos ativos no processo de aprendizagem;
- Dar condições para que o aluno participe do processo de produção do conhecimento histórico sobre o Paranoá;
- Proporcionar a compreensão do passado do Paranoá a partir das evidências (indícios, pistas) disponíveis;
- Discutir com os alunos diferentes construções da história local, pautada no uso de fontes históricas distintas que direcionam o aluno para o desenvolvimento do pensamento histórico e a sua importância para a vida social;
- Contribuir na formação do estudante enquanto cidadão crítico;
- Promover um ensino de História e Geografia centrado na historicidade e no protagonismo das minorias ou dos personagens desvalorizados pela história oficial;
- Discutir o modo como as representações sobre o Paranoá, presentes nas narrativas históricas, podem interferir na constituição das identidades e relações sociais no passado e no presente;
- Produzir sentidos e significados para o passado, estimulando a imaginação histórica dos estudantes, por meio da produção de textos em sala de aula.

O alcance desses objetivos exigiu a realização de algumas atividades, abaixo descritas, que foram efetuadas com a utilização de alguns recursos didáticos, a saber: utilização de folhas brancas (A4), lápis e borrachas para a produção de textos; TV ou outro reproduzidor de vídeo para visualizarem o Paranoá antigo e

atualmente; pequeno arquivo (caixa) contendo cópias/fragmentos de fontes históricas (mapas, fotos, trechos de reportagens de revistas/jornais); trechos de depoimentos dos primeiros moradores do Paranoá; trechos curtos de reportagens de jornais ou revistas sobre as manifestações no Paranoá; fotografias e um folheto em prol da fixação.

As atividades implementadas para alcance dos objetivos, acima enunciados, ocorreram no contexto de 4 aulas, conforme explicitação que se segue.

1ª aula:

- 1ª etapa: Apresentação;
- 2ª etapa: A aula foi iniciada com a apresentação da pesquisadora, que os informou sobre o tema desta pesquisa e a importância da sua participação no processo de construção do conhecimento sobre a história da cidade;
- 3ª etapa: Verificou-se quais crianças residiam no Paranoá e quais moravam nas localidades próximas. Um gráfico foi confeccionado de acordo com as informações adquiridas;
- 4ª etapa: As crianças que não residiam no Paranoá tiveram a oportunidade de declarar com que frequência vão à cidade e quais lugares mais gostam de ir.

2ª aula

- 1ª etapa - Em uma roda de conversa, foi explorado o conhecimento prévio dos alunos sobre o lugar;
- 2ª etapa - Os alunos escreveram um texto sobre o que gostavam/ não gostavam e o que sabiam sobre a criação e a história do Paranoá;
- 3ª etapa – Enquanto algumas crianças terminavam o texto, foi sugerido para as que concluíram a atividade desenharem sobre o Paranoá da maneira como o percebem. Esses desenhos podem ou não serem usados durante a discussão.

3ª aula:

- 1ª etapa - Apresentou-se o poema intitulado Novo Paranoá (p.68, 2009) (Anexo I) e as imagens “Chafariz II” (p.27 ,1997) (Anexo II) e “Paranoá Hoje” (p.68, 2009) (Anexo III) ambos do autor Gersion de Castro (2009) para os estudantes, com objetivo de sensibilizá-los com o tema;
- A pesquisadora explicou sobre a origem do Paranoá e aspectos que ajudaram na construção desse lugar, por meio de uma cartilha produzida pelos moradores pioneiros do Paranoá, no processo de contação da história desse lugar. Apesar de o material citar a palavra “favela” que é associada à segregação e discriminação, e que desqualifica o lugar da criança, não é objetivo desta pesquisa criticar essa ferramenta e muito menosprezar o Paranoá. Independente de terminologias, variedade linguística ou de qualquer análise mais crítica, optou-se por este material por se tratar de uma cartilha produzida por moradores pioneiros que trabalharam no processo de consolidação do Paranoá como uma cidade.

4ª aula:

- 1ª etapa - Divisão em grupos de 4 a 5 alunos. Foi entregue para cada grupo o pequeno arquivo, supramencionado. Dentro da caixa tinha um envelope contendo uma tarefa: escrever um texto para os habitantes do DF, contando um pouco sobre a história do Paranoá e o que existe nessa cidade. Para escrever este texto, os estudantes seguiram as pistas (fontes históricas) que estavam dentro da caixa (arquivo);
- 2ª etapa - Leitura coletiva dos textos produzidos pelos alunos e discussão sobre as diferenças e semelhanças entre os relatos produzidos;
- 3ª etapa - Agradecimento e despedida.

5.1.3 Procedimentos de análise das informações empíricas

As informações empíricas produzidas foram sistematizadas para fins de análise, pelos procedimentos abaixo explicitados:

5.1.3.1 Texto das crianças

As informações foram sistematizadas em tabela pelos seguintes procedimentos:

- 1 Identificar onde cada criança reside;
- 2 Transpor essa informação para a coluna Residência, na tabela 4, nomeada Produção das crianças;
- 3 Identificar como cada criança apresenta o Paranoá antes da aula sobre a cidade;
- 4 Transpor essa informação para a coluna Antes, na tabela 4, nomeada Produção das crianças;
- 5 Identificar como cada criança apresenta o Paranoá depois da aula sobre a cidade;
- 6 Transpor essa informação para a coluna Depois, na tabela 4, nomeada Produção das crianças;
- 7 Comparar as percepções que as crianças têm antes e depois da aula sobre o Paranoá. Essa comparação foi sistematizada na tabela 5 chamada Antes e depois.

Assim, as crianças elaboraram dois textos: um antes da intervenção pedagógica e um depois. A comparação entre essas duas produções permitiu verificar qual era o conhecimento pré-existente sobre a cidade onde moram e, ainda, avaliar seu olhar a respeito do Paranoá.

5.1.3.2 Planejamento da professora

O planejamento da professora foi analisado no sentido de identificar como os conteúdos e os conceitos sobre o Paranoá e o Distrito Federal são abordados em sala de aula.

5.1.3.3 Livro didático

Os livros didáticos adotados pela escola são avaliados e escolhidos pelos professores, entre as opções do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). Esses

livros são distribuídos pelo Ministério da Educação por meio do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação.

A fim de analisar os livros didáticos de Geografia adotados pela escola, foi estruturada a tabela a seguir com os conteúdos programados para o 4º ano, de acordo com o currículo de Geografia elaborado pela Secretaria de Educação do Distrito Federal.

Tabela 1 - Conteúdo programado para 4º ano em Geografia

| Currículo em Movimento da Educação Básica - Ensino Fundamental Anos Iniciais | | |
|---|---|---|
| Ordem | Objetivos | Conteúdos |
| Aspectos gerais | <ul style="list-style-type: none"> -Perceber as relações de interdependência entre a cidade e o campo, comparando os diferentes modos de vida desses grupos sociais. -Avaliar o papel da sociedade na transformação do espaço geográfico, percebendo manifestações cotidianas naturais e produzidas pelo homem, na modificação das paisagens. -Compreender a tecnologia em seu cotidiano por meio da observação e comparação. -Saber utilizar procedimentos básicos de observação, descrição, registro, comparação, análise e síntese na coleta e tratamento da informação, seja por meio de fontes escritas ou imagéticas. -Utilizar a linguagem cartográfica para obter, representar informações e adequar à vida cotidiana. | <ul style="list-style-type: none"> -Relevo (áreas altas, baixas, planas e elevações); -Águas (rios, lagos, mar, lagoas, canais e baías); -Vegetação (natural e introduzida); -Clima (temperatura, chuvas, vento e umidade); -Transporte e trânsito; -Elementos naturais e modificações feitas pelo homem; -Tipos de tecnologia; -Meios de comunicação; -Saneamento básico e coleta seletiva de lixo; -Distância, direção e orientação; -Escala e referências de localização; |
| Aspectos específicos sobre o Distrito Federal | <ul style="list-style-type: none"> -Reconhecer o DF a partir de sua história, seus símbolos, seu sistema administrativo e percebendo a pluralidade cultural e a biodiversidade. -Identificar e compreender os espaços geográficos das regiões administrativas. -Analisar os aspectos da ocupação, as condições de moradia e o índice de qualidade de vida de cada região. -Conhecer e valorizar o modo de vida de diferentes grupos sociais, como se relacionam e constituem o espaço e a paisagem nos quais se encontram inseridos. -Perceber as atividades econômicas do DF e suas relações com a saúde, a qualidade de vida, bem como a sustentabilidade ambiental. | <ul style="list-style-type: none"> -Distrito Federal na Região Centro- Oeste -Planejamento de Brasília -Regiões Administrativas e Entorno -Formas de poder (executivo, legislativo, judiciário e sociedade civil) -População total do DF e distribuição -Modo de vida nas Regiões Administrativas -Ocupação do DF -Atividades econômicas, produtivas e desenvolvimento sustentável do DF; |

(SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO DO DISTRITO FEDERAL, 2015, p. 111 e 112)

Para atender os conteúdos descritos na tabela acima, a professora do 4º ano escolheu dois livros didáticos ao longo do ano: um relativo aos conteúdos gerais (paisagem, tempo, território, cidade, campo) e outro referente ao conteúdo específico sobre o Distrito Federal e suas peculiaridades.

Tabela 2 - Livros adotados no 4º ano

| Tipo de livro | Especificação |
|----------------------------|--|
| Livro 1 - Geografia geral: | Mundo Amigo – Geografia Obra coletiva concebida, desenvolvida e produzida por Edições SM: editora responsável Renata Paiva . Edições SM - São Paulo, 1ª edição, 2011 |
| Livro 2 – Geografia do DF | Distrito Federal – História e Sociedade Bianca Amaral e Diane Valdez Ed. FTD - São Paulo, 1ª Edição, 2011 |

O livro que possui conteúdo relacionado ao DF é abordado na área de História, porém é usado pela professora nas aulas de Geografia. Este fato torna-se interessante por apresentar um aspecto de relação entre as duas disciplinas, pois a História e a Geografia unem-se para esclarecer o processo de construção e produção do espaço.

Apesar da turma de 4º ano usar os dois livros didáticos, faz necessário analisar somente o livro orientado aos conteúdos relacionados ao Distrito Federal, pois a análise do livro didático é orientada a fim de identificar as seguintes informações: Organização dos conteúdos; Quais são os conteúdos abordados; Caracterização do Distrito Federal; Caracterização de Brasília; Caracterização de Região Administrativa; Referências sobre o Paranoá; Informações oferecidas no livro estão completas?; Conceitos incorretos; Propostas interessantes. Essa análise foi sistematizada na tabela 6, denominada Descrição do Livro Didático.

O livro didático relativo ao DF foi analisado por meio dos critérios citados acima e também pelos abaixo especificados, posteriormente sintetizado na tabela 7, chamada Comentários sobre cada capítulo do Livro Didático.

- 1 Identificação da organização dos conteúdos;
- 2 Identificação de quais conteúdos foram abordados no livro;
- 3 Identificação referente ao modo como os lugares do DF são tratados no livro;
- 4 Identificação referente à definição oficial de Distrito Federal;

- 5 Identificação referente à definição oficial de Brasília;
- 6 Identificação da definição oficial de Região Administrativa;
- 7 Identificação das referências ao Paranoá;
- 8 Identificação de propostas de diferentes fontes de pesquisa;
- 9 Identificação de incorreções conceituais.

5.1.3.4 Entrevista semiestruturada

A entrevista semiestruturada foi realizada com a professora regente no mês de novembro de 2015 e durou cerca de 7 minutos, conforme áudio de gravação. Esse recurso foi preparado previamente, com o objetivo documentar os dados a seguir: caracterizar o sujeito de pesquisa; averiguar a relação do sujeito com seu local de trabalho; verificar a importância da Geografia para o sujeito; quais conteúdos são abordados em Geografia no 4º ano; como esses conteúdos são abordados durante o ano letivo. Para isto, foram estabelecidas as seguintes perguntas para alcançar seus respectivos objetivos, conforme a seguinte tabela:

Tabela 3 - Entrevista e objetivos

| Entrevista | |
|--|--|
| Objetivos | Perguntas |
| Identificar a relação que a educadora tem com o DF e o Paranoá. | Onde você nasceu? |
| | Você mora no DF? |
| | Qual a sua relação com o Distrito Federal? |
| Aferir qual a relação da educadora com a escola. | Qual a sua formação? |
| | Há quanto tempo você leciona? |
| | Faz parte da secretaria de educação há quanto tempo? |
| | Há quanto tempo integra o corpo docente da escola? |
| | Há quanto tempo leciona para turma de 4º ano? |
| Apontar a relação da educadora com a Geografia | Você trabalha Geografia em sala de aula? Como? |
| | Você considera Geografia importante? Por quê? |
| | Como você trabalha Geografia em sala de aula? |

| Entrevista (Continuação) | |
|--|--|
| Objetivos | Perguntas |
| Relação da professora com os conteúdos previstos. | O que você trabalhou sobre o Distrito Federal? |
| | Como você trabalhou o Distrito Federal? |
| | E as Regiões Administrativas, você chegou a trabalhar? |
| | Como você trabalhou as Regiões Administrativas? |
| | Você trabalhou sobre o Paranoá? |
| | Como você trabalhou o Paranoá? |

A entrevista foi gravada, transcrita e sistematizada na tabela 8, denominada Respostas da Professora.

6 RESULTADOS

Os resultados desta pesquisa dividem-se em três itens - Produção das crianças, Livro Didático e Entrevista - em concordância com determinado pela metodologia de trabalho.

6.1 Produção das crianças

As redações elaboradas pelos alunos de 4º ano foram analisadas de forma a identificar em suas narrativas aspectos que elas conheciam a respeito do Paranoá e no caso das que não moram na cidade, qual a sua relação com a RA. Este procedimento promoveu a elaboração de duas tabelas: a primeira com a identificação dos pontos chaves de cada redação e a segunda, com a comparação entre o antes e o depois da intervenção pedagógica em sala de aula.

Tabela 4 - Produção das crianças

| Aluno | Residência | Antes | | Depois |
|---------|---|------------------|--|------------------------|
| Aluno 1 | Paranoá | História | Não apresentou. | Não realizou a tarefa. |
| | | Pontos Positivos | Parque Vivencial e os pés de manga. | |
| | | Pontos Negativos | Não apresentou. | |
| Aluno 2 | Itapoã (Vai com frequência ao Paranoá para ir a escola, fazer um curso e fazer compras). | História | Não apresentou. | Não realizou a tarefa. |
| | | Pontos Positivos | Não apresentou. | |
| | | Pontos Negativos | Rodoviária "é um lixo" e insuficiência de ônibus circulares. | |
| Aluno 3 | Paranoá | História | Afirma que o Paranoá foi invadido e que muita gente morreu. | Não realizou a tarefa. |
| | | Pontos Positivos | Não apresentou. | |
| | | Pontos Negativos | ladrões, pichações e vandalismo. | |

| Produção das crianças (Continuação) | | | | |
|-------------------------------------|--|------------------|---|---|
| Aluno | Residência | Antes | | Depois |
| Aluno 4 | Itapoã | História | Não apresentou. | Comparou aspectos da história do Paranoá com aspectos do seu dia a dia (falta de energia elétrica, gambiarras, falta de água). Destacou que as pessoas devem valorizar a água e a luz que possuem hoje. |
| | | Pontos Positivos | Prainha, campo de futebol e escola | |
| | | Pontos Negativos | Falta de segurança e pichação. | |
| Aluno 5 | Paranoá | História | Não apresentou. | Compreensão a respeito da consolidação do Paranoá. |
| | | Pontos Positivos | Não apresentou. | |
| | | Pontos Negativos | Falta de clube aquático | |
| Aluno 6 | Paranoá | História | Não apresentou. | Compreensão da história: Destaca a luta dos moradores contra a polícia e o governo. Menciona as adaptações que o povo fez para ter água e energia. Compara aspectos da história do Paranoá com o seu dia a dia. |
| | | Pontos Positivos | avenida principal | |
| | | Pontos Negativos | Falta de assistência médica, violência e poluição. | |
| Aluno 7 | Itapoã | História | Não apresentou. | Compreensão da história: Compara a insuficiência atual de água com a do "Paranoá Velho". Destaca a luta por água e resistência contra policiais. |
| | | Pontos Positivos | Sorveteria, Loja de departamentos e escola. | |
| | | Pontos Negativos | Pichação, calçadas quebradas e "malandros". | |
| | | Observação | Declarou que se fosse deputada faria um clube, uma escola para "meninos especiais" e colocaria mais ônibus. | |
| Aluno 8 | Paranoá | História | Não apresentou. | Compreensão da história: Destaca a luta por água e resistência contra policiais. |
| | | Pontos Positivos | Não apresenta. | |
| | | Pontos Negativos | Maior efetivo de policiais nas ruas, mais médicos no hospital e mais esporte. | |
| Aluno 9 | Paranoá Reside no Paranoá desde os 6 anos. Hoje tem 9 anos. | História | Não apresentou. | Compreensão da história: Destaca o início da construção da barragem, a adaptação ao lugar, aumento do número de barracos e a resistência em permanecer no local. |
| | | Pontos Positivos | Mercados, clínicas e escola. | |
| | | Pontos Negativos | Falta de iluminação pública, ladrões e poucas árvores. | |

| Produção das crianças (Continuação) | | | | |
|-------------------------------------|---|------------------|--|--|
| Aluno | Residência | Antes | | Depois |
| Aluno 10 | Itapoã | História | Não apresentou. | Compreensão da história: Destaca o início da construção da barragem e a luta em permanecer no local. |
| | | Pontos Positivos | Praças | |
| | | Pontos Negativos | Poucos policiais nas ruas. | |
| Aluno 11 | Paranoá | História | Não apresentou. | Compreensão da história: Destaca a resistência em permanecer no local, as condições de vida e a possível remoção para Brasilinha ou Samambaia. Valoriza o fornecimento de água e energia elétrica. |
| | | Pontos Positivos | escola e pés de manga. | |
| | | Pontos Negativos | “malandros”, parquinhos quebrados e pichações. | |
| Aluno 12 | Itapoã Vai ao Paranoá com frequência para visitar uma tia e fazer compras. | História | Não apresentou. | Compreensão da história: Destaca a luta dos moradores contra a polícia e o governo. Valoriza o Paranoá. |
| | | Pontos Positivos | Loja de brinquedo | |
| | | Pontos Negativos | Pichações e ônibus lotado. | |
| Aluno 13 | Paranoá Afirma que em 2016 irá morar no Itapoã. | História | Não apresentou. | Compreensão da história: Destaca o início da construção da barragem, a adaptação ao lugar, o aumento do número de barracos e a resistência em permanecer no local. |
| | | Pontos Positivos | peessoas, escola e lojas. | |
| | | Pontos Negativos | Ameaças e falta de segurança. | |
| Aluno 14 | Paranoá | História | Não apresentou. | Compreensão da história: Destaca a adaptação ao lugar e a contradição com a época atual. |
| | | Pontos Positivos | Lago, escola, sorveteria, mercados e praça. | |
| | | Pontos Negativos | Pichação, calçadas defeituosas e pistas com buracos. | |
| Aluno 15 | Paranoá | História | Não apresentou. | Compreensão da história: Destaca a força de vontade dos moradores. |
| | | Pontos Positivos | Pessoas humildes, Parque Vivencial, pés de manga, mercados, parquinhos e escola. | |
| | | Pontos Negativos | Poucos policiais, pessoas dirigindo, falando ao celular e bebendo. | |

| Produção das crianças (Continuação) | | | | |
|-------------------------------------|--|------------------|---|---|
| Aluno | Residência | Antes | | Depois |
| Aluno 16 | Itapoã | História | Não apresentou. | Compreensão da história: Destaca a construção da barragem, a resistência contra o governo e a adaptação ao lugar. Compara a história com a atualidade. |
| | | Pontos Positivos | Igreja Santa Maria dos Pobres, parque, mercados e sorveteria. | |
| | | Pontos Negativos | Bandidos, pichações, falta de iluminação pública e a escola. | |
| | | Observação | Afirma que quando estava no primeiro ano, furtaram a bolsa de uma professora. | |
| Aluno 17 | Paranoá | História | Não apresentou. | Compreensão da história: Destaca o início da construção da barragem e a resistência contra a polícia. Valoriza a luta dos moradores. |
| | | Pontos Positivos | Escola e Parque Vivencial. | |
| | | Pontos Negativos | Bandidos | |
| Aluno 18 | Paranoá | História | Não apresentou. | Declara gostar do Paranoá e do Distrito Federal. Compreensão da história: Destaca o início da construção da barragem, destruição dos barracos e resistência. Descreve o Paranoá atualmente. |
| | | Pontos Positivos | Não apresentou. | |
| | | Pontos Negativos | Vandalismo | |
| | | Observação | Declara gostar do Paranoá, do Itapoã, de ir a Padaria, das quadras 9 e 32, da música e de arma. | |
| Aluno 19 | Itapoã | História | Não apresentou. | Compreensão da história: Destaca o início da construção da barragem, a construção dos primeiros barracos e a adaptação às condições de vida do local. Menciona a ideia que o governo tinha de enviar os moradores para Samambaia e Brasília. -Valoriza a resistência dos primeiros moradores e a necessidade de lutar, atualmente, por uma vida melhor. |
| | | Pontos Positivos | Escola, rodoviária e o Lago Paranoá. | |
| | | Pontos Negativos | Não tem ônibus e professores em greve. | |
| | | Observação | Vai ao Paranoá com frequência para ir ao parque, sorveteria, dentista e etc. | |
| Aluno 20 | Itapoã (Vai ao Paranoá com frequência). | História | Não apresentou. | Compreensão da história: Destaca a construção da barragem. Compara a resistência dos primeiros moradores com a luta por direitos da população atual. Declarou que apesar de morar no Itapoã, gosta muito do Paranoá. "Ele me inspira." -Valoriza os serviços que tem acesso. |
| | | Pontos Positivos | Parque Vivencial, pracinha, loja de brinquedos e vestuário, lanchonetes e a paisagem. | |
| | | Pontos Negativos | Os ônibus escolares e poucos policiais nas ruas. | |

| Produção das crianças (Continuação) | | | | |
|-------------------------------------|---|------------------|--|---|
| Aluno | Residência | Antes | | Depois |
| Aluno 21 | Itapoã (Declara ir com frequência ao Paranoá e utiliza os seguintes serviços: escola, igreja, banco e lojas de vestuário). | História | Não apresentou. | Compreensão da história: fala a respeito das pessoas que vieram de longe em busca de uma vida melhor, da vida difícil no início da Vila e sobre o preconceito de lugar. Estima a luta dos antigos moradores e valoriza os serviços que possui hoje. |
| | | Pontos Positivos | Não apresentou. | |
| | | Pontos Negativos | Buracos nas ruas, ladrões e esgoto aberto. | |
| Aluno 22 | Paranoá Parque | História | Não apresentou. | Compreensão da história: Descaso do governo com o lugar. Mudança de governo e algumas melhorias. |
| | | Pontos Positivos | escola e o Paranoá Parque. | |
| | | Pontos Negativos | Define o Paranoá como ruim e perigoso. Fala da falta de policiais e do uso de entorpecentes. | |

Tabela 5 - Antes e depois

| Aluno | Apresentou mudança |
|----------|--------------------|
| Aluno 1 | ! |
| Aluno 2 | ! |
| Aluno 3 | ! |
| Aluno 4 | ✓ |
| Aluno 5 | ✓ |
| Aluno 6 | ✓ |
| Aluno 7 | ✓ |
| Aluno 8 | ✓ |
| Aluno 9 | ✓ |
| Aluno 10 | ✓ |
| Aluno 11 | ✓ |
| Aluno 12 | ✓ |
| Aluno 13 | ✓ |
| Aluno 14 | ✓ |
| Aluno 15 | ✓ |
| Aluno 16 | ✓ |
| Aluno 17 | ✓ |
| Aluno 18 | ✓ |
| Aluno 19 | ✓ |
| Aluno 20 | ✓ |
| Aluno 21 | ✓ |
| Aluno 22 | ✓ |

| | |
|---|---------------------------------|
| ✓ | Apresentou mudança |
| ! | Não Concluiu a atividade |
| ✗ | Não apresentou mudança |

6.2 Livro Didático

O livro didático, usado pela professora, relativo ao Distrito Federal foi verificado a partir dos seguintes meios:

Foram especificados os assuntos do livro Distrito Federal – História e Sociedade, de Bianca Amaral e Diane Valdez e a maneira como os conteúdos foram abordados, com a finalidade de observar as noções de Distrito Federal, Brasília e Região Administrativa, verificar os conceitos incorretos, identificar se há referência de Paranoá. Tais dados permitiram a produção de duas tabelas: uma com as informações aferidas e outra com a análise de cada capítulo.

Tabela 6 – Descrição do Livro Didático

| Especificação | Detalhe |
|--|---|
| Título, Autor e Editora | Distrito Federal – História e Sociedade Bianca Amaral e Diane Valdez Ed. FTD - São Paulo, 1ª Edição, 2011 |
| Organização dos conteúdos | Têm enfoque histórico e político, mas apresenta alguns aspectos geográficos do estudo do lugar. Possui Apresentação, 4 unidades e 16 capítulos. A linguagem é simples e informal. Problematisa os conteúdos. |
| Conteúdos | <p>Apresentação</p> <ul style="list-style-type: none"> De mudança em mudança a história se trança: ainda há muita trança para trançar <p>Unidade I – Entre as capitais, a capital</p> <ul style="list-style-type: none"> Cap. 1 – No Planalto Central, o Distrito Federal Cap. 2 – Gente mais antiga que a gente imagina Cap. 3 – Outras nações na capital da nação Cap. 4 – De capital para capital – as capitais do Brasil <p>Unidade II – A nova capital: um longo caminho em construção</p> <ul style="list-style-type: none"> Cap. 5 – Do litoral para o cerrado: mudar de novo? Cap. 6 – Eu vou para o Brasil central, eu vou! Cap. 7 – Anos JK: construção de Brasília, elogios, oposições, críticas, dívidas, dívidas... Cap. 8 – “Rascunho”? “Rabisco”? - O projeto urbanístico da nova capital Cap. 9 – Enfim, mãos à obra! Cap. 10 – A nova capital não tinha crianças? <p>Unidade III – Novos tempos, velhos problemas, novas lutas</p> <ul style="list-style-type: none"> Cap. 11 – Ai, ai, ai, ai está chegando a hora! Cap. 12 – Quero casa para morar: do provisório ao permanente Cap. 13 – A ditadura militar: é proibido pensar, falar e criticar! <p>Unidade IV – O tempo não para</p> <ul style="list-style-type: none"> Cap. 14 – Brasília: uma história com marcos e marcas Cap. 15 – Brasil: um país de palácios Cap. 16 – Os direitos da criança e do adolescente <p>Conclusão</p> <p>Há muita trança por trançar</p> |
| Caracterização do Distrito Federal | DF é uma unidade administrativa autônoma. É uma área dentro do Brasil, fica no Estado de Goiás. Não é um Estado do país nem subordinado do Estado de Goiás. Não pode ser dividido em municípios. Não tem prefeitos e vereadores. O administrador é governador do DF e os deputados são deputados distritais, não estaduais. O governador do DF nomeia administradores de cada Região Administrativa. |
| Caracterização de Brasília | <ul style="list-style-type: none"> Não é a capital do DF, e sim do Brasil, porém é também a sede do governo do Distrito Federal. Localizada no Distrito Federal para evitar influências e interesses de qualquer Estado. |
| Caracterização de Região Administrativa | São lugares que foram crescendo ao redor do Plano Piloto para abrigar os trabalhadores que construíram a nova capital. Não estavam no plano original. |

| Descrição do Livro Didático (Continuação) | |
|---|---|
| Especificação | Detalhe |
| Paranoá | -É mencionado na tabela Regiões Administrativas do Distrito Federal como a RAVII – Paranoá. -Aparece em uma legenda de uma foto da vista geral da construção da Barragem do Paranoá, como uma RA criada para os funcionários da Novacap. -Citada como exemplo de Regiões Administrativas |
| As informações oferecidas exigem outras fontes | Sim |
| Conceitos incorretos | Nas páginas 21 e 25 há uso do termo bairro. Plano Piloto é visto como sinônimo de Brasília. Pessoas que residem no DF, sendo declarada como população de Brasília. |
| Propostas interessantes | “Você conhece alguma história que nunca foi escrita, mas que vem sendo contada pelas pessoas de sua cidade?” “Você conhece alguém que possa contribuir com suas memórias para a registrar a História da cidade? Seria possível entrevista-lo?” “E você, mesmo criança, já participou e continua participando da História da cidade. Quais memórias você gostaria de registrar sobre o que já viu e viveu?” “Não falamos da História de todas as Regiões Administrativas. Quais faltaram? Vamos pesquisar essas histórias?” |

Tabela 7 - Comentários sobre cada capítulo do Livro Didático

| Identificação | Comentários |
|---|--|
| Apresentação - De mudança em mudança a história se trança | Apresenta o Distrito Federal como tema central de estudo, mas a referência que traz em fotos e exemplos são sempre de Brasília. Demonstra sensibilidade em relação ao estudo do lugar. |
| Cap. 1 - No Planalto Central o Distrito Federal | Expõe as particularidades do Distrito Federal de maneira correta, mas ainda apresenta títulos equivocados como Cidade-satélite e bairro. |
| Cap. 2- Gente mais antiga que a gente imagina | Texto fala dos primeiros habitantes do Planalto Central. Faz referência ao local onde hoje está o DF, citando as RAs Gama e Taguatinga como sítios arqueológicos. |
| Cap. 3 - Outras nações na capital da nação | Valorização do indígena e de sua contribuição cultural para o país. Reconhecimento dos índios como primeiros habitantes do local onde hoje é o DF. Proposta de visita ao Museu dos Povos Indígenas, localizado no Eixo Monumental. |
| Cap. 4 - De capital a capital: as capitais do Brasil | Apresenta o contexto histórico da criação de cada capital brasileira. |
| Cap. 5 - Do litoral para o cerrado: mudar de novo? | Mostra o porquê da mudança da Capital Federal. |
| Cap. 6 - Eu vou para o Brasil central, eu vou! | Exibe um pouco da história, campanha presidencial de Juscelino Kubitschek, eleição e assinatura do projeto de lei para a mudança da capital. Propõe visita ao Memorial JK. |

| Comentários sobre cada capítulo do Livro Didático (Continuação) | |
|--|---|
| Identificação | Comentários |
| Cap. 7 - Anos JK: construção de Brasília, elogios, oposições, críticas, dívidas, dívidas | Erro de digitação no final da página 77. Sugere visita ao Centro Cultural Praça dos Três Poderes. |
| Cap. 8 - “Rascunho”? “Rabisco”? o projeto urbanístico da nova capital | Revela como foi o processo conflituoso do projeto urbanístico de Brasília e a lei criada para construir a nova capital. |
| Cap. 9 - Enfim, mãos à obra! | Capítulo fala a respeito da dificuldade vivida pelos trabalhadores da construção civil. Profissionais de outras categorias são citados apenas em um parágrafo. Indica o Museu de Arte e Tradições do Nordeste, localizado no Setor de Grandes Áreas Norte (quadra 910). |
| Cap. 10 - A nova capital não tinha crianças? | Apresenta a construção da nova capital pela visão das crianças. |
| Cap. 11 - Ai, ai, ai, está chegando a hora | Expõe a realidade difícil dos trabalhadores e a decepção de alguns operários que voltaram para as suas terras sem dinheiro. Recomenda a ida ao Museu Vivo da Memória Candanga, na Via Épia Sul |
| Cap. 12 - Quero casa para morar: do provisório ao permanente | Valorização da memória do povo. Aborda o processo de segregação dos trabalhadores da construção civil da elite e a criação das cidades-satélites em razão da retirada de favelas próximas a nova capital. |
| Cap. 13 - A ditadura militar: é proibido pensar, falar e criticar | Despreza a participação do restante do Distrito Federal. |
| Cap. 14 - Brasília: uma história com marcos e marcas | Brasília aparece em destaque por seu papel como centro político do Brasil. |
| Cap. 15 - Brasil: um país de palácios | Sugestão de visita ao Catetinho que faz parte da Região Administrativa Park Way e não de Brasília. |
| Cap. 16 - Os direitos da criança e do adolescente | Assunto apropriado e importante, mas deixa a desejar novamente por evidenciar somente Brasília. No fim do capítulo, em um texto de apoio, é mostrado como vivem duas crianças que moram na Estrutural. |
| CONCLUSÃO - Há muita trança por trançar | O livro é finalizado, novamente com evidência em Brasília. Apresenta um texto interessante como última atividade que cita algumas Regiões Administrativas e locais do Distrito Federal. |

6.3 Entrevista

A narrativa da professora foi sistematizada em uma tabela com o objetivo de identificar como a temática é trabalhada em sala de aula. Nesse sentido, a matriz seguinte apresenta as perguntas realizadas e as respectivas respostas, transcritas fielmente.

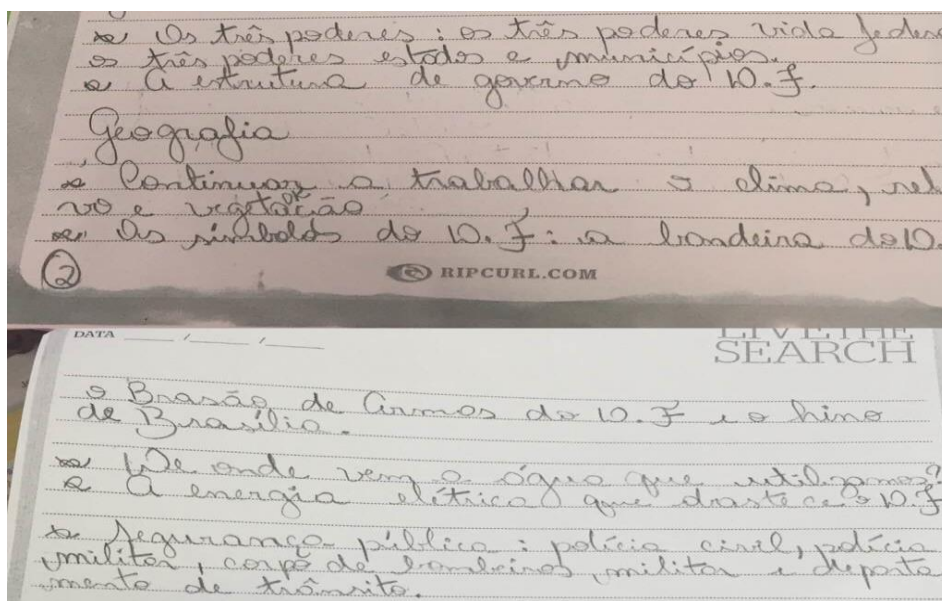
Tabela 8 - Respostas da professora

| Objetivos | Perguntas | Respostas da Professora |
|--|--|--|
| Identificar a relação que a educadora tem com o DF e o Paranoá. | Onde você nasceu? | Formosa, GO |
| | Você mora no DF? | Não. Moro em Formosa. |
| | Qual a sua relação com o Distrito Federal? | De trabalho, lazer e às vezes de saúde também. |
| Aferir qual a relação da educadora com a escola. | Qual a sua formação? | Superior completo e pós graduação. |
| | Há quanto tempo você leciona? | Oito anos. |
| | Faz parte da secretaria de educação há quanto tempo? | Oito anos. |
| | Há quanto tempo integra o corpo docente da escola? | Um ano. |
| | Há quanto tempo leciona para turma de 4º ano? | Um ano. |

6.4 Planejamento

A professora declarou que não faz planejamento escrito das aulas, pois “já está caleijada” e que dos conteúdos previstos no Currículo em Movimento da Educação Básica do Distrito Federal da SEE, trabalhou apenas clima, relevo, vegetação, o hino e os símbolos do Distrito Federal. Segundo as suas palavras, “pincelou” sobre segurança pública e não houve tempo para falar sobre a água e energia”. Em seus escritos, não há nada sobre o Paranoá.

Figura 6 - Conteúdo previsto para o 4º Bimestre



(Foto por Vivianne Macedo, 2016)

7 DISCUSSÃO

Esta discussão assume a premissa de que o lugar tem relação estreita com a noção de pertencimento e com o processo de construção da identidade e refere-se à produção dos alunos do 4º ano do Ensino Fundamental, após uma intervenção pedagógica, ao livro didático adotado pela escola e a entrevista realizada com a professora. A fim de obter uma melhor organização deste trabalho, cada tópico será discutido separadamente.

7.1 Produção das crianças

A produção de textos e os desenhos concebidos pelos estudantes são de grande valia no esforço para compreender os elementos que estão relacionados à noção de pertencimento e identificação com o lugar. O local onde a criança reside, os acontecimentos marcantes em seu dia a dia e as suas experiências vividas são as referências que a criança possui do espaço geográfico.

Segundo a proposta, os alunos registraram o que sabiam sobre o Paranoá em uma primeira redação e após a aula com a pesquisadora, escreveram novamente. Além de servir de comparativo, a primeira redação tem sua importância por permitir a identificação do conhecimento prévio que os estudantes já obtêm e traçar estratégias de ensino necessárias para a construção da aprendizagem. Castellar e Moraes demonstram:

Ao pensarmos sobre a aprendizagem em um contexto de sala de aula, os conhecimentos prévios dos alunos devem ser identificados a fim de detectar o conceito já adquirido e as possibilidades de se criarem conflitos (cognitivos), entre o que já se aprendeu anteriormente e o que se deve aprender. (CASTELLAR e MORAES, 2012, p. 122)

Em muitos casos, aquilo que os alunos já conhecem sobre o espaço nem sempre é explorado pelo professor e muito menos prestigiado em sala de aula:

Sabemos que o sujeito traz consigo uma carga de experiências e de conhecimentos sistematizados ou não, realidades vividas muitas vezes impossíveis de serem representadas pelos professores. No entanto, pelo que temos discutido em diferentes encontros, cada vez mais acreditamos que tais vivências devam ser aproveitadas, problematizadas e textualizadas, buscando-se, assim, a inserção da vida na escola, tornando a escola, efetivamente integrada à vida. (REGO, CASTROGIOVANNI e KAERCHER, 2007)

Dessa maneira, a aprendizagem fica mais interessante e desafiadora. Sabendo qual o conhecimento prévio que os alunos possuem, o professor busca informações introdutórias, que são apresentadas antes do conteúdo previsto, que servirão de liga entre o que o aluno sabe e o que ele vai aprender.

Em relação à história do Paranoá, apenas uma criança citou algo que remetesse a proposta inicial. As demais crianças não demonstraram ter ideia de qualquer fato histórico relacionado à cidade. Viu-se então que havia a necessidade de apresentar a história do Paranoá e relacioná-la a atualidade.

Nos desenhos produzidos, as crianças expressaram aspectos físicos presentes no Paranoá e em suas proximidades. Foi possível perceber, o uso de elementos do cotidiano infantil como parquinho, campo de futebol, “trepa-trepa”.

Figura 7 - Desenho Produzido por Aluno 16

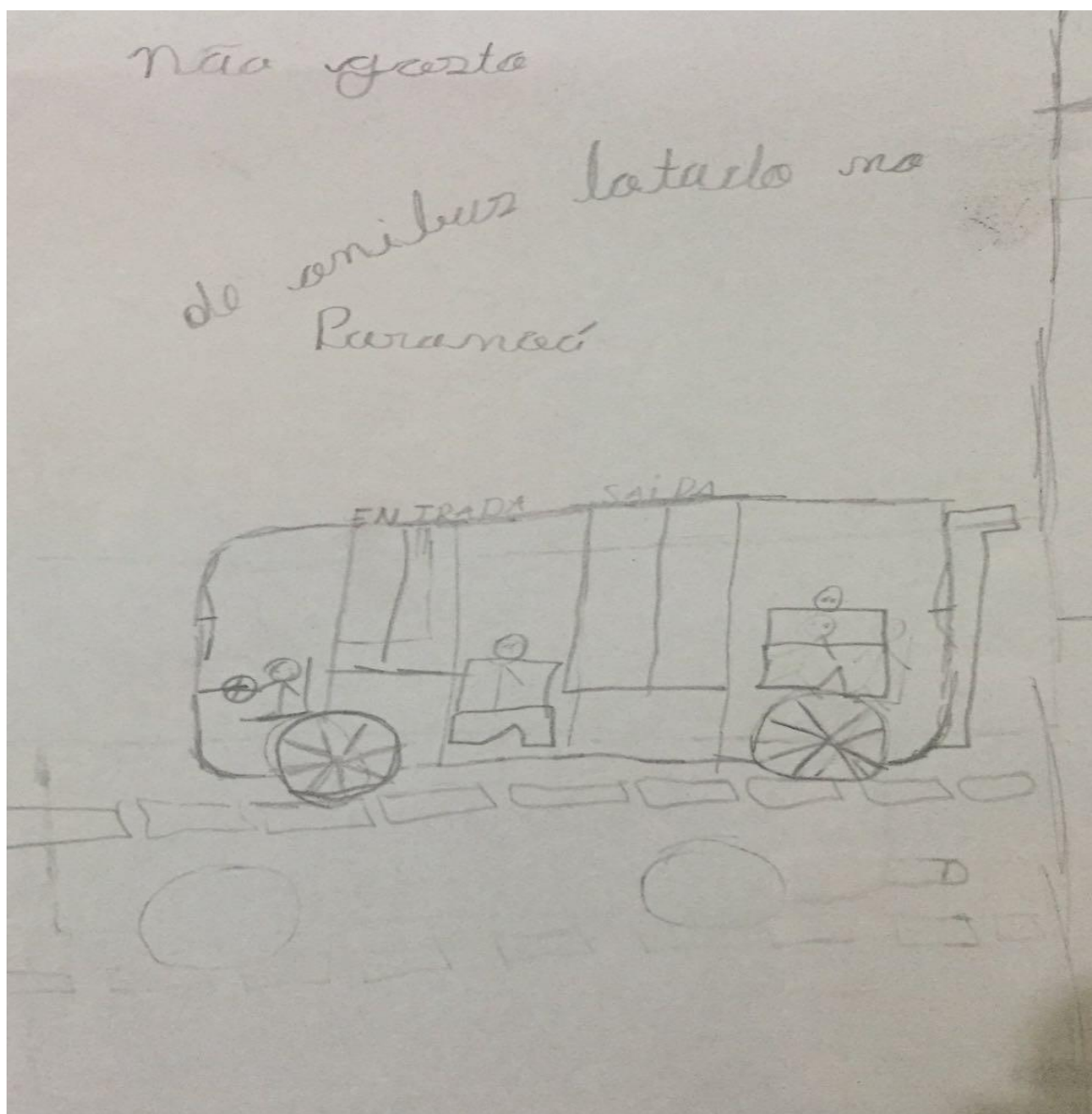


(Foto por Vivianne Macedo, 2016)

Todos esses componentes do espaço prevaleceram como principal referência o Parque Vivencial do Paranoá.

Outros reportaram a aspectos que, geralmente, não condizem com a faixa etária, mas que, no caso das crianças envolvidas nesta pesquisa, fazem parte de seu cotidiano, como a superlotação do transporte público e a ineficiência da segurança pública. Como atesta o desenho do aluno 14:

Figura 8 - Desenho de ônibus do Aluno 14



(Foto por Vivianne Macedo, 2016)

Além disso, expressaram forte senso crítico ao solicitarem, melhorias sociais para o Paranoá. Tais elementos demonstram que as crianças apresentam diversas referências a respeito do Paranoá e verifica-se aqui a percepção da cidadania de uma criança. Ela vivencia o ônibus lotado todos os dias e possui consciência política de que isso deve ser modificado pelo poder público.

Outro ponto analisado nos desenhos e nas redações foi a localização espacial dos indivíduos. Notou-se que alguns alunos não caracterizaram a localização compatível a realidade.

O aluno 6 diz que “o que eu mais gosto no Paranoá, é de ir para o Pátio Brasil e ao Conjunto Nacional”. Por meio deste relato, o aluno demonstra não ter noção de territorialidade em relação ao Paranoá. A RA em questão, não tem muitas alternativas de lazer, o que leva os moradores a buscarem opções em outras localidades. O Pátio Brasil e o Conjunto Nacional são shoppings populares localizados em Brasília e de fácil acesso (proximidade ao Terminal Rodoviário do Plano Piloto), que oferecem diversas fontes de lazer e alimentação. Dessa maneira, Leite afirma que na:

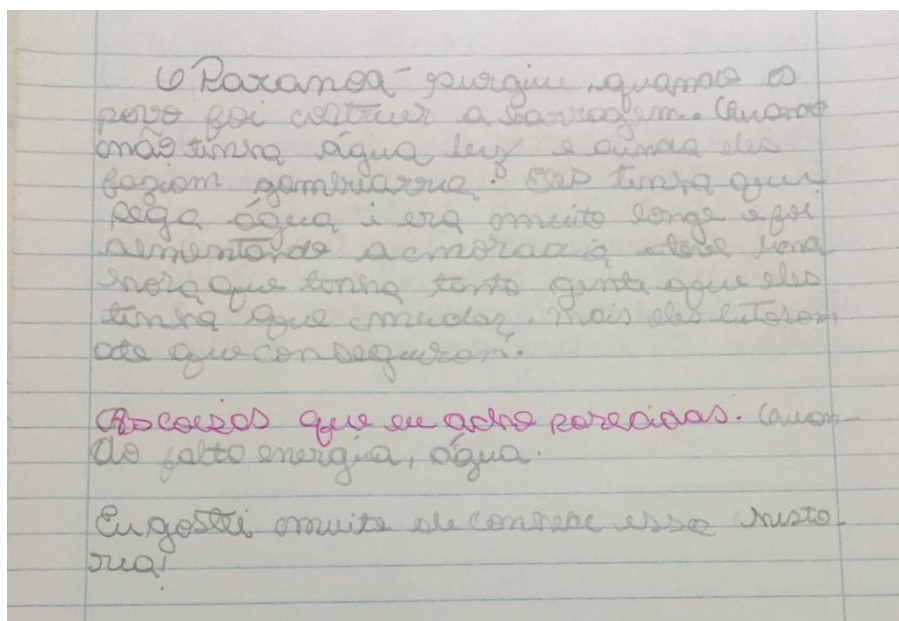
relação desigual centro hegemônico e periferia satélite, as minorias (que nem são minoritárias, mas são assim designadas por se assumirem periferia e subjugadas a Brasília), reafirmam os valores perpassados pelo discurso da cultura nacional, representado por Brasília. (LEITE, 2012, p. 159)

Partindo da lógica que a construção da dimensão de territorialidade é desenvolvida constantemente e diariamente, pois é consequência da prática e fruto vivência do sujeito, Brasília assume novamente uma hegemonia em relação ao Paranoá por apresentar investimento maior em qualidade de vida e lazer. O aluno, provavelmente, conhece o caminho de sua casa para a escola, da escola para um supermercado, do supermercado para a casa de um tio, mas quando se trata de lazer, faz necessário dirigir-se à Brasília.

Nas redações, após a intervenção pedagógica, as crianças relacionaram o aprendizado a respeito da história do Paranoá com o que vivenciam em seu dia a dia. O aluno 9 diz que na Vila Paranoá, os moradores tinham que ir buscar água nos chafarizes e armazená-la a fim de ter água para consumo. Durante a apresentação dos desenhos e redações, explicou que vê a mãe armazenando água em baldes e caixas d'água, pois o desabastecimento é algo comum em seu cotidiano.

A partir do conhecimento obtido por meio da intervenção pedagógica, juntamente com a experiência que os alunos já possuíam, foi possível verificar que os estudantes conseguiram identificar diferenças entre o passado e o presente ao analisarem a mudança na paisagem e nos elementos espaciais.

Figura 9 - Redação do Aluno 9



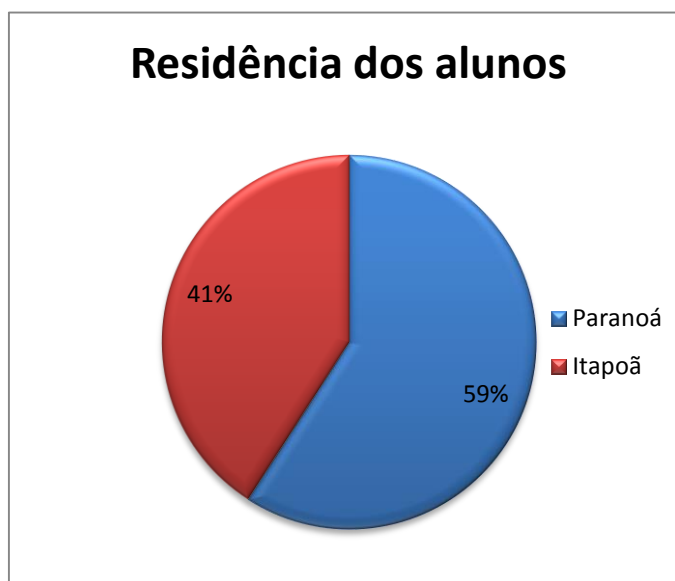
Percebeu-se, também, maior expressão do sentimento de valorização e de responsabilidade em cuidar do lugar que pertencem e dos recursos naturais. Houve, por parte dos alunos, reconhecimento quanto ao esforço e a importância histórica das pessoas que se empenharam na luta por melhores condições de vida no passado.

O aluno 04 compreendeu essa importância e valorizou a resistência dos moradores da Vila Paranoá, associando o aprendizado em relação à dedicação por energia e água com o bom aproveitamento e preservação desses recursos naturais na atualidade.

Tais evidências atestam que a dimensão do cotidiano vivido pela criança é forte vetor de identificação de uma questão urbana, que no caso é o Paranoá. Os alunos trazem consigo um volume de experiências que devem ser bem-vindas em sala de aula como forma de colaboração nas aulas de Geografia.

Os alunos tiveram escrever sobre o lugar em que residem e caso, não fosse a RA em questão, qual a relação que tinham com o Paranoá, além da escola.

Figura 10 - Residência dos Alunos



Foi possível identificar que 41% das crianças que participaram desta pesquisa, moram no Itapoã. Esse fato confirma a dependência que os moradores da região administrativa vizinha, chamada Itapoã, tem para com o Paranoá em relação a serviços básicos como saúde, segurança e nesse caso, educação.

Os relatos dos alunos do 4º ano apontaram como se relacionam com a sociedade no lugar onde vivem. Dessa forma, entende-se que a vivência em lugar particular, leva o sujeito a entrar em contato com o mundo.

Por meio das redações elaboradas pelos alunos do 4º ano, comprova-se o quão ricas são estas experiências e como a mediação pedagógica fica prejudicada quando essas vivências são ignoradas pelo professor. A escola, que possui o papel de auxiliar o aluno na compreensão do mundo e de sua realidade, deve enxergar o aluno como sujeito participativo no processo pedagógico.

7.2 Entrevista com professora

Os pontos a seguir, equivalem à interpretação dos dados produzidos por meio da entrevista com a professora do 4º ano do Ensino Fundamental de uma determinada escola do Paranoá. Ela possui formação em Pedagogia e Pós Graduação em Educação. É professora há oito anos e leciona na escola há um ano.

As questões de 1 a 3 condizem ao relacionamento que a entrevistada tem com o Distrito Federal e o Paranoá, as respostas de 4 a 8 correspondem à relação que a educadora tem com o local de trabalho. Já as questões de 9 a 11 permitiram identificar a visão que a educadora tem da disciplina Geografia e por fim, as questões de 12 a 17 identificam a forma como a professora abordou os conteúdos previstos no Currículo em Movimento do Distrito Federal no ano de 2016, elementos significativos na análise e entendimento dos resultados.

Os resultados da entrevista com a professora serão discutidos de acordo com as respostas às questões propostas e a alguns relatos da professora, quando se sentiu mais à vontade.

A professora apresenta um relacionamento apenas profissional e de utilização de serviços públicos com o Distrito Federal, pois sempre morou em Formosa-GO. Isso não interfere em sua prática, desde que tenha a consciência de que as crianças necessitam conhecer quem são, onde vivem e com que convivem. Para isso, o educador deve buscar compreender e buscar informações acerca da localidade onde atua profissionalmente, a fim de mediar a “caça” por essas respostas.

A entrevistada afirma que é importante “porque é como os meninos vão descobrir o local onde nasceram, onde se situam”. Conhecer o espaço onde vive é de fato importante, como afirma Callai (2005), mas a Geografia vai além. Por meio dela é possível ler o espaço, compreendê-lo, entender como ele é ocupado e transformado pela sociedade.

Ao ser questionada como abordou o Paranoá durante o ano letivo, fez o seguinte relato: “Pedi para eles fazerem uma pesquisa em casa sobre onde a origem da família. Isso eu pedi para eles fazerem. Só.” Dessa forma, a construção da noção de Paranoá para as crianças fica extremamente superficial. Dependendo da origem da família, o Paranoá pode até não ser citado durante a pesquisa.

Para auxiliar o desenvolvimento da cidadania, é necessário que o professor, em sala de aula, explore a noção do pertencimento do aluno e, para isso, o indivíduo deve ter alguma identidade com o lugar.

O lugar poderia ter sido trabalhado durante todo o ano letivo, caso a professora relacionasse os conteúdos previstos à vivência do aluno, partindo do conhecido e vivido para novas descobertas. Tendo em vista que foi realizado um passeio com o objetivo de conhecer os principais pontos turísticos de Brasília, o

mesmo poderia ter sido feito em relação ao Paranoá, sendo assim uma ótima oportunidade de valorização do lugar da criança.

Há muitas outras razões que podem justificar as ações e a abordagem de conteúdos realizada pela professora em sala de aula: reprodução de práticas tradicionais, desconhecimento de novas metodologias, desmotivação profissional, todos esses motivos podem ser oriundos de uma má formação acadêmica. Assim, vale a pena refletir sobre o processo de formação de professores.

A estrutura do sistema de ensino no Brasil é de Educação Infantil (crianças de quatro e cinco anos), Ensino Fundamental I (1º ao 5º ano), Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano, Ensino Médio (3 anos ou 4, quando é ensino profissionalizante) e Ensino Superior. O Pedagogo, ao concluir o curso, é considerado preparado para lecionar para Educação Infantil, Ensino Fundamental I e II. Como confirma a Lei nº 12.796, de 4 de abril de 2013.

“Art. 62 – A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nos 5 (cinco) primeiros anos do ensino fundamental, a oferecida em nível médio na modalidade normal”.

Durante o curso de Pedagogia, o aluno em um limitado número de hora-aulas no curso acadêmico, é habilitado de modo ineficiente para lecionar diversas disciplinas, tais como: Português, Ciências, Matemática, Geografia, História, Artes e Educação Física. No curso de Pedagogia da Universidade de Brasília, por exemplo, são reservados apenas 4 de 214 créditos, para habilitar o exercício em Geografia.

A presença da Geografia no Currículo de Pedagogia é insuficiente para a formação e o ensino da disciplina. O que há é apenas uma sensibilização e um destaque para as principais teorias e considerações sobre a temática.

É preciso pensar em que mundo, em que tempo e espaço estamos vivendo e, assim, realizar reflexões que possam ajudar na análise crítica de um currículo que, dentro das condições objetivas de nosso país e de nossas universidades, possa formar ou não o melhor professor neste caso, o de geografia. (SILVA, LIMA e DANTAS, 2006, p. 270)

Dessa forma, é natural que o professor sinta dificuldades. Para ensinar Geografia com qualidade, é preciso ter percepção do que é espaço, de como ele é

ocupado e produzido, de como é construída a ideia de espaço e compreender os conceitos relacionados à disciplina.

De qualquer maneira, independentemente de como foi a formação inicial desse profissional da educação, é preciso que o professor tenha adquirido a consciência de que ele deve ser um pesquisador, questionador, explorador que reflita acerca de sua prática.

7.3 Planejamento

Por meio da declaração da professora e do material fornecido para análise, foi possível inferir que a professora não planeja suas aulas de forma sistematizada.

Libâneo (1990, p.222) fala que “o planejamento é um processo de racionalização, organização e coordenação da ação docente, articulando a atividade escolar e a problemática do contexto social”.

Ainda que exista lugar para a criatividade em sala de aula, é importante que tenha o mínimo de organização possível. O mediador deve ter plena consciência de qual é o objetivo da aula, quanto tempo será necessário, quais materiais serão adequados, sem engessar suas aulas, mas de forma que possa tentar prever como será aquela aula antes da mesma acontecer. É claro, que o planejamento deve ser algo flexível e passível de mudanças. Por mais que o professor tenha experiência com determinado assunto, faixa etária e/ou nível escolar, cada turma é única e apresenta suas particularidades.

O autor Libâneo (1990) reafirma isso ao descrever as finalidades do planejamento. Ele cita que o planejamento é importante porque pressupõe as intenções, conteúdos, técnicas e procedimentos; propicia uniformidade e lógica a prática do mediador; e proporciona prazo maior para a separação de materiais necessários. Além disso, ao planejar, o professor posiciona-se política e filosoficamente. Diante disso, o planejamento não garante o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem, pois a realidade está em constante modificação, mas propicia um bom momento de reflexão acerca de sua ação pedagógica, autoconfiança e facilidade em realizar seu trabalho.

Durante as aulas de Geografia, observadas durante esta pesquisa, foi possível verificar a ministração de aulas baseadas em uma metodologia tradicional, por meio de folhas xerografadas e pouca abertura para a participação dos estudantes. Cabe ressaltar que de acordo com essa faixa etária, as crianças ainda estão entre o que é vivido e o que é percebido, por isso a importância de referências visuais e da concretude para os anos iniciais do ensino fundamental.

Nesse sentido, Cavalcanti (1998) diz que o papel do professor não é apenas transmitir conteúdos e sim mediar o processo de construção de conhecimentos. Visto isso, o professor deve adotar métodos e empregar materiais didáticos que contribuam para a formação global do indivíduo, respeitando o que ele já sabe e potencializando habilidades ainda não desenvolvidas.

Foi declarado ainda que dos conteúdos programados para o 4º ano em Geografia (Tabela 1), em relação ao Distrito Federal, somente foi abordado o clima, o relevo, a vegetação, o hino e os símbolos do Distrito Federal e em suas anotações não há nada que mencione o Paranoá. Dessa forma, a professora demonstrou trabalhar os conteúdos sem objetivos claros e sem vínculo com o Paranoá ou outros assuntos associados à realidade dos estudantes.

Visto que, e de acordo com Cavalcanti (2003) os planejamentos das aulas de Geografia devem ser elaborados a partir de uma didática que leve em consideração e valorize o lugar como dimensão espacial importante, que vincule o local ao global, auxilie na construção de conceitos, incorpore questões cotidianas e fundamentais para a compreensão da sociedade, desenvolva a linguagem cartográfica, amplie os conhecimentos a cerca da educação ambiental e inclua diversas linguagens como cinema, internet, música e literatura.

7.4 Livro Didático

O Livro Didático empregado na sala de aula do 4º ano do Ensino Fundamental da escola em questão utiliza diversas ferramentas e gêneros textuais como introdutório para polemizar temas relacionados ao dia-a-dia dos alunos.

A linguagem, usada no livro analisado, e os problemas propostos apresentam clareza e são de fácil compreensão. O conteúdo é exposto de forma atrativa ao aluno e o desafia a refletir por intermédio de estratégias de ensino contemporâneas,

como a promoção de resolução de problemas e a investigação em diferentes fontes de pesquisas. Esta metodologia está de acordo com o que CAVALCANTI (2003, p.154) diz: “o bom ensino é aquele que adianta o processo de desenvolvimento, orientando-se não apenas para as funções intelectuais já maduras, mas principalmente para as funções em amadurecimento”. Os autores ainda descrevem muitas informações com justificativas, causas e finalidades que possibilitam o entendimento por completo do aluno.

O livro prende-se a fatos históricos, com Brasília sempre ao centro, e não fornece informações socioeconômicas e culturais, dados e fotos do DF atualmente. Dessa maneira, a noção da realidade é alterada quando desprezam as diferentes realidades do DF. É possível observar essa centralidade em Brasília, no 1º capítulo, intitulado “No Planalto Central, o Distrito Federal”. Os autores localizam o DF no Mapa Político do Brasil, expõem suas peculiaridades e exibem o quadro das Regiões Administrativas. Neste capítulo, há apenas a foto da Entrada da RA Recanto das Emas, em uma atividade complementar, para ilustrar a história de um casal de idosos que se apaixonaram.

Em relação às Regiões Administrativas, ao longo do livro, é retratada a história de Taguatinga e Sobradinho, cada uma em uma página e expõe em breves resumos, de apenas um parágrafo, a história de Planaltina, Gama e Brazlândia. Mesmo assim, Brasília é salientada e assume papel de referência, enquanto outras RAs são citadas apenas nominalmente. Como é o caso do Paranoá que é mencionado em três situações: na tabela Regiões Administrativas do Distrito Federal como a RAVII – Paranoá, na legenda de uma foto da vista geral da construção da Barragem do Paranoá e mais uma vez como exemplo de Regiões Administrativas.

Assim, as informações referentes a maioria das RAs não contribuem para a formação do sentimento de pertencimento do indivíduos que residem nesses lugares.

Em alguns capítulos, aparece uma seção chamada “Passeando pelo DF” que sugere ideias de locais relacionados ao tema do capítulo estudado para visita. A iniciativa é interessante, mas os lugares propostos estão sempre em Brasília ou em lugares muito próximos como o Museu Vivo da Memória Candanga, localizado na Via Épia Sul. A única recomendação de passeio em outra Região Administrativa que aparece no livro é a ida ao Catetinho que fica na RA Park Way, excluindo a história, memória e cultura das outras RA's.

Dessa forma, a identidade do indivíduo edifica-se sobre a história que dá ênfase na fundação e na construção da Capital Federal, deixando de lado as memórias do lugar onde a criança realmente vive. Memórias essas, que associam o presente ao passado. O próprio livro chama atenção para a importância de estudar a história do lugar, como podemos verificar na página 121: “Conhecer a História desses lugares é muito importante, pois assim poderemos como elas se organizam hoje”.

Isto posto, cabe ao professor sensibilizar-se e trazer informações além do livro, que é um material de apoio e não é suficiente, buscando inverter a organização da abordagem das temáticas. Ao invés de determinar Brasília como exclusivo referencial de identidade e como ponto de partida para o estudo, o mediador deve localizar o indivíduo na perspectiva do lugar onde a criança vivencia suas experiências, ou seja, o professor que leciona em uma escola do Paranoá, deve trabalhar a história e as particularidades do Paranoá e a partir daí apresentar Brasília e as demais localidades. Nesse sentido, o lugar como ponto inicial, diminui a primazia e descentraliza Brasília como referencial identitário dos moradores de todo o Distrito Federal e oportuniza a valorização e o reconhecimento de outras histórias e culturas, contrapostas a Brasília.

O livro evidencia de forma crítica que a construção de Brasília teve seus altos e baixos, contestando a ideia mostrada na época de que tudo tinha dado certo como planejado.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção deste trabalho proporcionou uma pesquisa acerca do estudo do lugar no processo de escolarização das crianças dos anos iniciais em uma escola do Paranoá. A partir de intervenção pedagógica, análise do livro didático e entrevista realizada com a professora regente, foi possível refletir ainda, sobre o papel do professor em sala de aula e recordar a luta e memória dos primeiros moradores da Região Administrativa em questão.

Este estudo reconhece o lugar como categoria fundamental de análise do espaço e o Paranoá, por sua consolidação e relações estabelecidas no local, como um lugar a ser estudado.

Perante as redações elaboradas pelas crianças, ficou explícito que o desenvolvimento das noções espaciais acontece de forma natural, todavia é preciso que o professor planeje suas ações e medie o processo de ensino e aprendizagem conduzindo, desafiando e provocando o interesse dos alunos e desfrutando dos recursos didáticos oferecidos pela escola, contribuindo assim para uma aprendizagem significativa, a partir dos elementos concretos, postos pela vivência no Paranoá.

Diante das respostas da professora, ficou evidente a necessidade de inserir o lugar no contexto das aulas de Geografia. Suas declarações demonstraram uso de metodologia tradicional, concentrada apenas no cumprimento de conteúdos pré-estabelecidos pelo currículo. Percebeu-se, então, a necessidade do uso de variados recursos didáticos, para auxiliar a construção do conhecimento e de formação continuada de qualidade, visando atender a subjetividade dos alunos e efetivar uma prática pedagógica diferenciada.

Em relação ao livro didático, verificou-se a predominância de Brasília como referência de identidade em relação ao Paranoá e as demais Regiões Administrativas. O livro deve suprir a omissão de dados que consideram o real valor das RA's e suas cidades, sem desprezar Brasília.

O produto deste trabalho estabelece relevantes informações para professores, em especial, com formação em Pedagogia e Geografia. Tem sua importância em estudos relativos ao Paranoá e as Regiões Administrativas que

compõem o DF e relaciona-se também à cidadania, pelo papel que a noção de pertencimento ao lugar tem em seu processo de formação.

Finalmente, há o desejo de que esta investigação colabore com o aperfeiçoamento da Geografia Escolar e sensibilize educadores a respeito de seus relevantes papéis na sociedade.

9 PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

Após tantos conhecimentos adquiridos ao longo da graduação e diante dos desafios superados durante a minha atuação profissional como educadora, tenho o desejo de me aperfeiçoar na área de Educação por meio de novos cursos, para desenvolver minhas potencialidades e contribuir de forma eficaz para a formação e desenvolvimento de outros indivíduos.

Além disso, pretendo continuar trabalhando como professora e posteriormente, ser aprovada em um concurso público da Secretaria de Educação do Distrito Federal.

Creio na Palavra escrita em Provérbios, capítulo 16 que diz: “o coração do homem traça seu caminho, mas o Senhor lhe dirige os passos.” Sei que a vontade de Deus é boa perfeita e agradável e que apesar dos meus desejos, é a vontade Dele que impera sobre a minha vida.

10 BIBLIOGRAFIA

- AMARAL, B. **Distrito Federal História e Sociedade**. 1ª. ed. São Paulo: FTD, 2008.
- AUSUBEL, D. P. **Algunos aspectos psicológicos de la estructura del conocimiento**. Buenos Aires: El Ateneo, 1973.
- BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: história, geografia. **Secretaria de Educação Fundamental: MEC/SEE**, 1997. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro052.pdf>>. Acesso em: 2 Janeiro 2016.
- BRUNER, J. **A Cultura da Educação. Tradução Marcos Domingues**. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- CALLAI, H. C. **Ensino de Geografia: Práticas e Textualizações no Cotidiano**. Porto Alegre, RS: Mediação, 2000.
- CALLAI, H. C. **Aprendendo a ler o mundo: a Geografia nos anos iniciais do Ensino Fundamental**. [S.l.]: [s.n.], 2005.
- CASTELLAR, S. M.; MORAES, J. V. Conhecimentos escolares e caminhos metodológicos. São Paulo, SP: Xamã, 2012. p. 120-135.
- CASTRO, G. D. **Paranoá em quadros e versos: um olhar diferente sobre Brasília**. Brasília, DF: Edição do Autor, 2009.
- CAVALCANTI, L. D. S. **Geografia, Escola e Construção de Conhecimentos**. Campinas, SP: Papyrus, 2003.
- CAVALCANTI, L. D. S. Cotidiano, mediação pedagógica e formação de conceitos: uma contribuição de Vygotsky ao ensino de geografia. **Cadernos CEDES On-line version ISSN 1678-7110**, 2005. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622005000200004>. Acesso em: 7 Jan 2016.

CAVALCANTI, L. D. S. **ANAIS DO I SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO – Perspectivas Atuais**. Belo Horizonte: [s.n.], 2010.

CAVALCANTI, L. D. S. **Ensaio sobre o ensino de Geografia para a vida urbana cotidiana**. 3ª. ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

CODEPLAN. Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios. **CODEPLAN - Companhia de Planejamento do Distrito Federal**, 2013 - 2015. Disponível em: <http://www.codeplan.df.gov.br/images/CODEPLAN/PDF/pesquisa_socioeconomica/pdad/2016/PDAD_Itapoa.pdf>. Acesso em: 13 Maio 2016.

FOTO por Vivianne Macedo. Intérpretes: Vivianne Macedo. [S.l.]: [s.n.]. 2016.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOOGLE EARTH. Google Earth. **Google Earth**, 2016. Acesso em: 20 Janeiro 2016.

LEITE, C. M. C. **Departamento de Geografia, Coleção Espaço e Geografia**. 2ª. ed. Brasília, DF: Unb, v. 5, 2002.

LEITE, C. M. C. **O lugar e a construção da identidade: os significados construídos por professores de geografia do ensino fundamental – Tese de Doutorado - Universidade de Brasília**. Brasília, DF: Faculdade de Educação, 2012.

LEITE, C. M. C.; BARBATO, S. B. **Reflexões Sobre a Construção do Conceito de Lugar na Escola Contemporânea**. 2ª. ed. Brasília, DF: Coleção Espaço & Geografia, v. 14, 2011.

LEITE, C. M. C.; GARCIA-FILICE, R. C. **História e Diversidade [recurso eletrônico] / Revista do Departamento de História**. 1ª. ed. Brasília: UNEMAT, v. 6, 2015.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo, SP: Cortez, 1990.

NOVAK, J. D.; HANESIAN, H. **Psicologia educacional**. Rio de Janeiro: Editora Interamericana, 1980.

PAVIANI, A. **Brasília – Gestão Urbana: Conflitos e Cidadania**. Brasília, DF: UnB, 1999.

RABELO, K. S. D. P.; CAVALCANTI, L. D. S. **A avaliação da ISSN: 2175-5493 IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO 5 a 7 de outubro de 2011**. [S.l.]: [s.n.].

RAMOS, P.; RAMOS, M. M.; BUSNELLO, S. J. **Manual prático de metodologia da pesquisa: artigo, resenha, projeto, TCC, monografia, dissertação e tese**. 22ª. ed. Blumenau, SC: Odorizzi, 2004.

REGO, N.; CASTROGIOVANNI, A. C.; KAERCHER, N. A. **Geografia: Práticas pedagógicas para o ensino médio**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

REIS, R. H. D. **A constituição do ser humano: amor-poder-saber na educação/alfabetização de jovens e adultos**. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO DO DISTRITO FEDERAL. Currículo em Movimento da Educação Básica do Distrito Federal – Ensino Fundamental, Anos Iniciais. **Currículo em Movimento da Educação Básica do Distrito Federal**, 2015. Disponível em: <http://www.cre.se.df.gov.br/ascom/documentos/subeb/cur_mov/4_ensino_fundamental_anos_finais.pdf>. Acesso em: 5 Janeiro 2016.

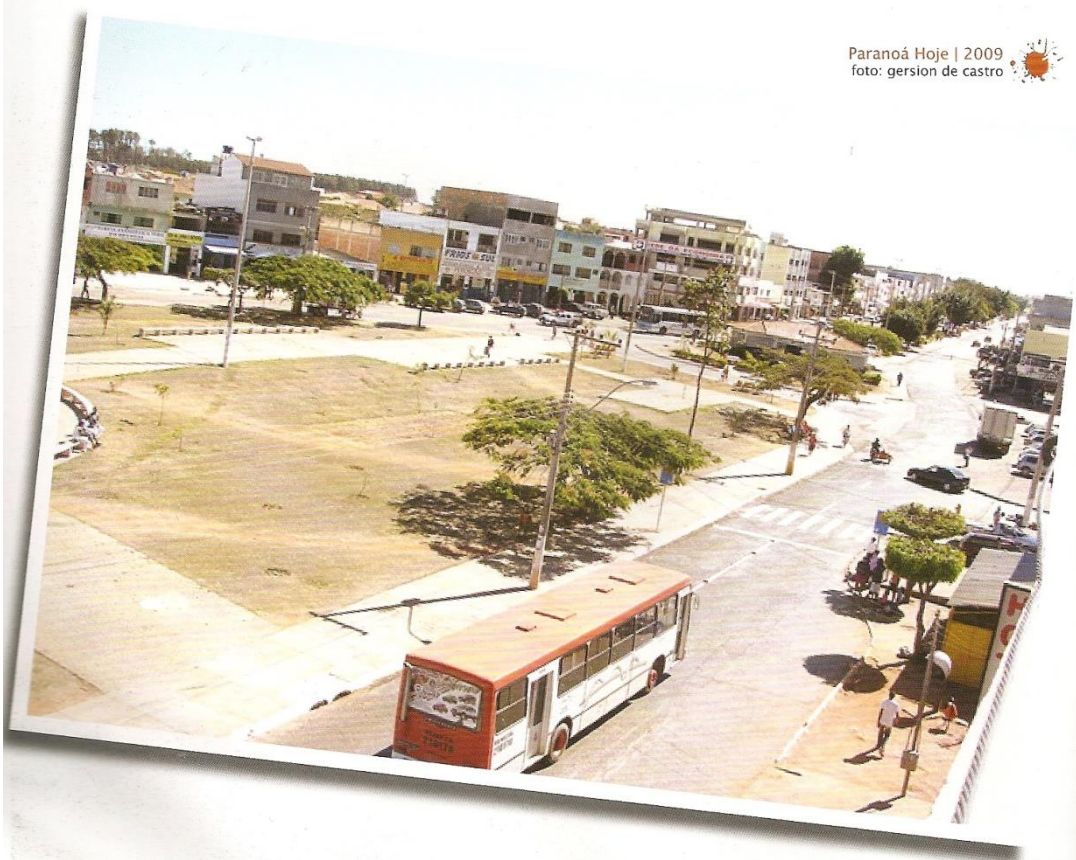
SILVA, J. B. D.; LIMA, L. C.; DANTAS, E. W. C. **Panorama da geografia brasileira**. São Paulo: Annablume, v. 2, 2006.

ANEXO 1

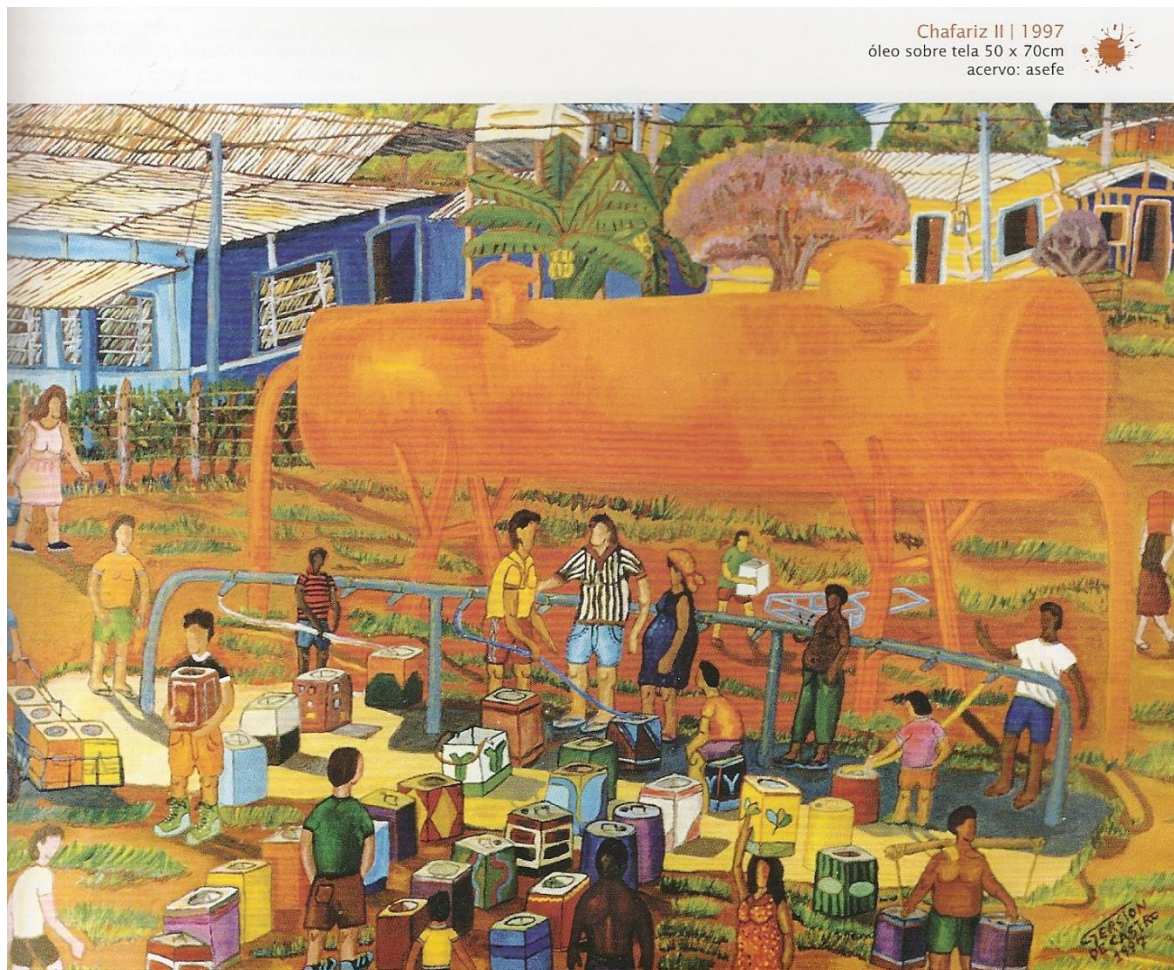
novo paranoá

Anos noventa,
Realidade diferente,
Quando veio a FIXAÇÃO.
Tudo mudou então.
Nomes de ruas já não existem,
Cultura destruída,
Nova cultura criada.
Ao invés de nome de ruas,
Agora são quadras.
Ao invés de becos, bicas e barracos,
Poucos barracos,
Muitas casas construídas,
Sonhos erguidos,
Grandes avenidas movimentadas,
Muitas praças,
De sonhos,
De realidades que se transformam.

Paranoá Hoje | 2009
foto: gerson de castro



ANEXO 2



ANEXO 3

A VIDA AQUI ERA DURA.
NÃO TINHA CONDUÇÃO, NEM
ESCOLA PRAS CRIANÇAS.
LUZ E ÁGUA SÓ NOS BARRA
COS PERTO DO ACAMPAMENTO.



Como o pobre vive de teimoso, a favela só ia crescendo... Em 1980 já havia mais de 800 barracos!

-8-

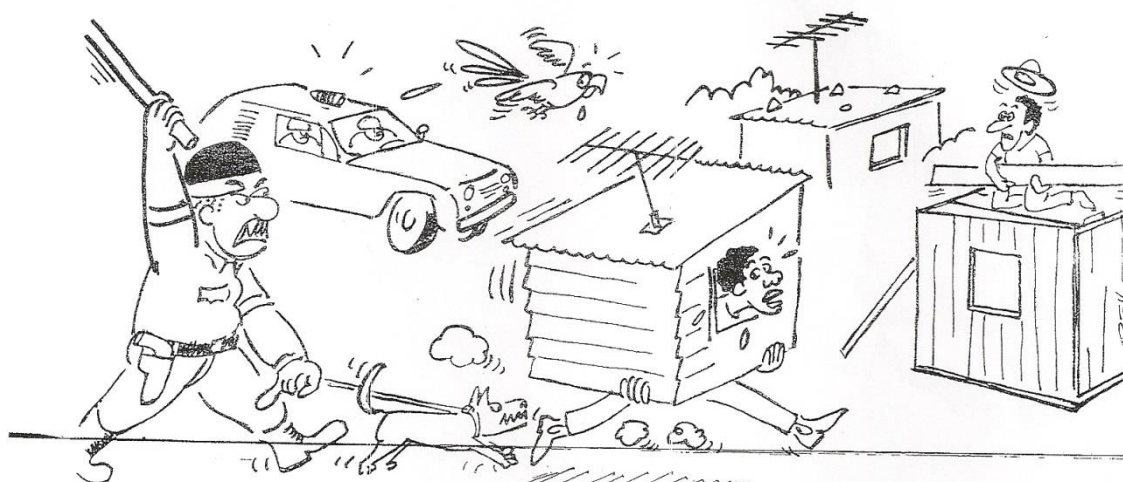
Mas os pobres desta vez ganharam. Ainda estamos aqui e com várias melhorias: escola, luz, chafarizes de água, lixeiro, Ônibus...

Muitos grupos nos ajudaram, como a Igreja, o Projeto Rondon e o PT. O povo se uniu e formou a ASSOCIAÇÃO DE MORADORES.



-7-

O governo não queria que os pobres viessem morar aqui, pois era o lugar das mansões. Por isso é que de vez em quando havia uma guerra...



2- INVASOR OU POSSEIRO?

